



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – PORTUGUÊS**

MARIA DA CONCEIÇÃO DE ARAÚJO

**A LÍNGUA PORTUGUESA EM QUESTÕES DE VESTIBULAR DA
UEPB: PERSPECTIVAS DA ANÁLISE LINGUÍSTICA E DA
GRAMÁTICA TRADICIONAL**

Monteiro – PB

2013

MARIA DA CONCEIÇÃO DE ARAÚJO

**A LÍNGUA PORTUGUESA EM QUESTÕES DE VESTIBULAR DA
UEPB: PERSPECTIVAS DA ANÁLISE LINGUÍSTICA E DA
GRAMÁTICA TRADICIONAL**

Monografia apresentada ao curso de Letras da
Universidade Estadual da Paraíba – *Campus*
VI, em cumprimento dos requisitos necessários
para obtenção do grau de Licenciatura Plena
em Letras, com habilitação em Língua
Portuguesa.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Rebeca Rannieli Alves
Ribeiro

Monteiro – PB

2013

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

658 Araújo, Maria da Conceição de.

A língua portuguesa em questões de vestibular da UEPB
[manuscrito] : perspectivas da análise linguística e da gramática
tradicional / Maria Da Conceicao De Araujo. - 2013.
72 p. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas
e Exatas, 2013.

"Orientação: Profa. Rebeca Rannieli Alves Ribeiro,
Departamento de Letras".

1. Análise Linguística. 2. Gramática. 3. Vestibular. I. Título.

21. ed. CDD 410

MARIA DA CONCEIÇÃO DE ARAÚJO

**A LÍNGUA PORTUGUESA EM QUESTÕES DE VESTIBULAR DA
UEPB: PERSPECTIVAS DA ANÁLISE LINGUÍSTICA E DA
GRAMÁTICA TRADICIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras Português.

Aprovada em 18 de Dezembro de 2013.

Rebeca Rannieli Alves Ribeiro

Prof^ª. Ms. Rebeca Rannieli Alves Ribeiro

(ORIENTADORA)

Noelma Cristina Ferreira dos Santos

Prof^ª. Ms. Noelma Cristina dos Santos

(MEMBRO EXAMINADOR – UEPB)

Luciana Fernandes Nery

Prof^ª. Ms. Luciana Fernandes Nery

(MEMBRO EXAMINADOR – UEPB)

Dedico este trabalho à minha mãe, Liberaci Araújo, por estar sempre ao meu lado e ao meu esposo, José Jackson, pelo apoio e incentivo.

AGRADECIMENTOS

O meu agradecimento ao meu Senhor e Deus por ser minha força e vitória, por me direcionar e por estar comigo em todos os momentos de minha vida.

À minha mãezinha do Céu por estar ao meu lado me levantando quando caio, me dando força e coragem na minha caminhada e por sempre interceder por mim junto ao seu Filho Jesus.

À minha amada mãe Liberaci Maria que tanto batalhou diante de tantas dificuldades para me dar uma vida digna, por seus conselhos, orientações e por seu amor incondicional.

Ao meu querido Pedro Franco de Souza (*In Memoriam*), por seus cuidados e zelo para comigo.

Ao meu amor, amigo e companheiro José Jackson de Lima Rafael, por estar sempre ao meu lado cuidando de mim, por me ajudar e ser tão paciente nos momentos mais estressantes e pelo apoio nas minhas decisões.

À minha amiga Ohana Trajano pelos conselhos e dicas.

À professora Tatiana Santana por se mostrar sempre tão prestativa quando a ela recorria.

À minha orientadora Rebeca Rannieli por seu zelo e dedicação com meu trabalho acadêmico.

Aos meus amigos e familiares, em especial, Jarbas Murilo, Iara Trajano e Dona Celeste pelo apoio e torcida.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Questão 1.....	31
Figura 2 - Questão 2.....	33
Figura 3 - Questão 3.....	34
Figura 4 - Questão 4.....	35
Figura 5 - Questão 5.....	37
Figura 6 - Questão 6.....	38
Figura 7 - Questão 7.....	39
Figura 8 - Questão 8.....	40
Figura 9 - Questão 9.....	41
Figura 10 - Questão 10.....	44

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Diferenças entre ensino de gramática e análise linguística.....	26
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Conteúdos da prova de língua portuguesa de 2003.....	29
Gráfico 2- Conteúdos da prova de língua portuguesa de 2013.....	30

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: ANÁLISE LINGUÍSTICA	16
1.1. Ensino de língua portuguesa pautado nos moldes tradicionais.....	16
1.2. O ensino de Língua Portuguesa pelo viés reflexivo: prática de análise linguística.....	19
1.2.1. Leitura e Análise Linguística.....	21
1.2.2. Escrita e Análise Linguística.....	23
1.3. Análise linguística X Gramática tradicional.....	25
CAPÍTULO 2: METODOLOGIA	28
2.1. Abordagem da pesquisa qualitativa de natureza descritivo-interpretativista.....	28
2.2. Caracterização geral da prova de língua portuguesa do vestibular da UEPB.....	29
CAPÍTULO 3: QUESTÕES DE LÍNGUA PORTUGUESA EM ANÁLISE	31
3.1. Discutindo questões de cunho gramatical e de análise linguística no vestibular 2003.....	31
3.2. Discutindo questões de cunho gramatical e de análise linguística no vestibular 2013.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	49
ANEXOS	51
ANEXO A – Prova do vestibular 2003 da UEPB.....	52
ANEXO B – Prova do vestibular 2013 da UEPB.....	57

RESUMO

O ensino de língua portuguesa é de grande relevância social/educacional, uma vez que é dotado de ferramentas que podem contribuir para a ampliação linguística de seus usuários, mediante a apresentação das inúmeras formas, utilizações e possibilidades de que a língua dispõe. É com esse propósito que o ensino de língua portuguesa deve ser ministrado, a partir da reflexão. Para tanto, a análise linguística (AL) surge no meio acadêmico como um mecanismo importante para a mudança no ensino de língua portuguesa, o qual durante séculos se resumiu exclusivamente à gramática normativa, e, deve ser pelo mesmo meio que AL deve ser propagada, inclusive, na elaboração das questões de língua portuguesa nos vestibulares. Dessa forma, desenvolvemos o presente trabalho tendo como objetivo geral investigar qual perspectiva de estudo da língua, se da gramática tradicional ou da análise linguística, prevaleceu nas questões de língua portuguesa do vestibular da UEPB, nos anos de 2003 e 2013. Para tanto, têm-se os seguintes objetivos específicos: a) Verificar e analisar, no espaço temporal de dez anos da elaboração de uma prova para outra, o que mudou, isto é, se as questões de língua portuguesa do vestibular estão formuladas de acordo com a perspectiva da análise linguística ou da gramática tradicional. Assim, contamos com as contribuições teóricas de Antunes (2007; 2003), Bezerra e Reinaldo (2013), Nascimento (2008), Garcez (2004), Geraldi (1984), Marcusch (2007), Mendonça (2006), Rocha (2007), Silva (2009), Suassuna (2008), Travaglia (2009) e PCN (1997), os quais promoverão uma explanação detalhada acerca do ensino pautado na metodologia tradicional e na análise linguística.

PALAVRAS-CHAVE: Análise Linguística. Gramática. Vestibular.

ABSTRACT

The teaching of Portuguese language is of great social/educational relevance, since it is gifted with tools that can contribute for linguistic expansion of its users upon presentation of the numerous forms, uses and possibilities that language offers. It is with this purpose that the teaching of Portuguese language should be ministered, from the reflection. Therefore, the linguistic analysis (AL) arises in academia as an important mechanism for change in teaching of Portuguese language, which for centuries was summed exclusively to normative grammar, and should be by the same means that AL must be propagated, including, in formulating of questions of portuguese language in college entrance exams. Thereby, we developed the present work having as main objective investigate which perspective of language study, if from traditional grammar or from linguistic analysis, prevailed in Portuguese language questions of the UEPB entrance exam, in the years of 2003 and 2013. To this end, we have the following specific objectives: a) Check and examine in the timeline of ten years of development of a test to another, what has changed, this is, if the portuguese language questions of the college entrance exam are formulated according to the perspective of linguistic analysis or traditional grammar. So we rely on the theoretical contributions of Antunes (2007; 2003), Bezerra e Reinaldo (2013), Nascimento (2008), Garcez (2004), Geraldi (1984), Marcuschi (2007), Mendonça (2006), Rocha (2007), Silva (2009), Suassuna (2008), Travaglia (2009) e PCN (1997), which promote a detailed explanation about the teaching based on the traditional methodology and linguistic analysis.

Keywords: Linguistic analysis. Grammar. College entrance exam.

INTRODUÇÃO

O ensino de Língua Portuguesa sempre foi alvo de muitos questionamentos e críticas entre os estudiosos da língua, pois, desde que passou a fazer parte dos currículos escolares, tem sua prática metodológica voltada “[...] para a exploração da gramática normativa, em sua perspectiva prescritiva [...] e também analítica [...]”. (BEZERRA, 2007, p. 37).

Como resultado dessa prática, tem-se notado a grande deficiência no ensino e na aprendizagem, na medida em que a maioria dos docentes faz do ensino de Língua Portuguesa um trabalho de classificação e identificação das regras gramaticais em frases descontextualizadas e que não estão inseridas na realidade dos alunos. Esta pedagogia de ensino desencadeia uma formação mecânica pelo fato de não permitir aos discentes a reflexão sobre os mais diversos usos da linguagem, já que a língua está em constantes mudanças as quais se adequam às necessidades do nosso dia-a-dia e isso deve ser explorado na sala de aula.

No entanto, a realidade didática focada na decoreba e na forma tecnicista vem aos poucos se transformando, tendo em vista o aparecimento de novas teorias, concepções que corroboram para a melhoria da educação, e junto delas vêm as “ações institucionais governamentais em todos os níveis que têm empreendido a favor de uma escola mais formadora e eficiente” (ANTUNES, 2003, p. 21).

Nesse cenário de mudança, várias pesquisas defendem que o ensino de língua portuguesa não deve se resumir ao ensino de regras gramaticais. É preciso que os docentes proponham práticas pedagógicas que ofereçam resultados eficazes e reflexivos aos usuários da língua nos vários contextos enunciativos.

Corroborando para uma mudança significativa no ensino de língua, a prática de Análise Linguística que surge primordialmente com Geraldi, no ano de 1984, com o artigo intitulado “O texto na sala de aula”, aponta reorientações para atividades de língua focadas no texto, contemplando atividades de leitura e escrita e, a partir destas, a análise linguística dos problemas encontrados nas produções de texto.

A análise linguística, como explica Geraldi (1984), “inclui tanto o trabalho sobre as questões tradicionais da gramática quanto questões amplas a propósito do texto” (p. 74). Constitui-se como um suporte imprescindível na reelaboração da prática docente, na medida em que permite desmistificar o grande equívoco que muitos professores constroem em torno da gramática normativa, isto é, a visão de que o domínio das regras que circundam a gramática é suficiente para formar discentes aptos a ler, escrever, dialogar e interagir em qualquer contexto comunicativo.

Uma observação merece ser rapidamente mencionada, o fato de que novas teorias a respeito da melhoria do ensino de português possam servir erroneamente de argumento para alguns professores, os quais acreditam que uma aula fecunda é aquela que está baseada apenas “na criatividade e espontaneidade do ensino”, Vieira (1992 *apud* ROCHA, 2007, p.64).

Acreditamos e a compactuamos do mesmo pensamento de Rocha (2007), ao dizer que “o ensino de língua padrão deve ser feito de maneira eficiente, organizada e sistemática” (p. 65). Inegavelmente, o ensino de língua portuguesa deve concretizar-se de forma dinâmica, contemplando atividades epilinguísticas, isto é, atividades que estão inseridas no uso da língua, e não exclusivamente em atividades metalinguísticas, ou seja, focadas na descrição de regras propostas em um manual de gramática.

Nosso estudo defende, assim como Ilari & Basso (2006 *apud* ANTUNES, 2007, p. 51), que “a língua excede a gramática”. Por isso, consideramos a língua como algo que compreende, além de suas regras gramaticais, todas as interações sociais.

Diante de uma sociedade letrada como a que vivemos, são justificáveis as iniciativas governamentais notáveis como a capacitação de professores, a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a aplicação de exames como o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), entre outros, que buscam a construção de uma escola que promova conhecimentos capazes de formar alunos aptos e conscientes não apenas para a inserção no mercado de trabalho, mas principalmente como cidadãos atuantes e críticos.

É imprescindível a correlação direta entre estado e escola por contribuir para o desenvolvimento social, já que, segundo divulgação da Organização para cooperação e Desenvolvimento (OCDE), no que se referem às comparações internacionais que incluem o Brasil, os últimos dados do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) mostraram que o Brasil está em 51º lugar, entre 65, no ranking de leitura, em 55º no de matemática e em 52º no de ciências. O país ficou entre os últimos, embora as notas nessas três áreas tivessem melhorado em relação à pesquisa anterior. (Fonte: BBC Brasil¹)

Sabemos que o desenvolvimento da carreira do aluno no âmbito escolar perpassa um trajeto que se inicia com a Educação Infantil, o Ensino Fundamental, Ensino Médio até chegar a tão aspirada Universidade, a qual se configura em uma das alternativas da qual o aluno dispõe para progredir nos estudos, e entrar no mundo acadêmico mediante um processo chamado vestibular.

¹Disponível em <<http://www.bbc.co.uk/portuguese/>>. Acesso em: 07 de dezembro de 2010.

O vestibular é o ápice do ensino, tendo em vista o estabelecimento da profissão que se quer seguir, no entanto, para ser bem sucedido em suas provas e assim poder ingressar na universidade desejada, deve-se estar preparado no que se refere a todo conhecimento adquirido no decurso da vida estudantil, mais especificamente no Ensino Médio, uma vez que é no término deste que os discentes podem prestar o vestibular e verificar se realmente a prática do ensino desenvolvida na escola está de acordo com o que propõe o vestibular.

Em nosso Estado da Paraíba, atualmente, existem quatro Instituições de Ensino Superior (IES) de caráter público, quais sejam: Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e o Instituto Federal da Paraíba (IFPB) que além de contemplar o ensino superior também contempla o ensino médio, assim como o nível técnico. Todas essas IES são sérias e renomadas, as quais prestam um serviço educacional de extrema importância para o desenvolvimento do Estado, bem como para a qualificação científica. Devido aos atributos que lhes são inerentes, no que diz respeito à qualidade e gratuidade do ensino, existe uma grande dificuldade em ingressar em qualquer uma delas, tendo em vista a extensa concorrência que advém tanto de alunos da rede pública de ensino quanto da rede privada, como estudantes advindos de vários Estados brasileiros, e porque não dizer também de diversos países.

Dentre estas universidades a que mais abrange o Estado da Paraíba é a UEPB, uma vez que possui oito *campi* distribuídos nas cidades de Campina Grande, Lagoa Seca compreendendo a Escola Agrícola Assis Chateaubriand, Guarabira, Catolé do Rocha compreendendo a Escola Agrotécnica e Centro de Educação e Humanidades, João Pessoa, Monteiro, Patos e Araruna.

A UEPB é uma Instituição de extrema significância para o Estado nos requisitos científicos e sociais. O modo como elabora seu vestibular se dá a partir das áreas de Ciências Humanas, Exatas e Saúde, isso quer dizer que a escolha pelo vestibulando por qualquer uma dessas áreas, o fará dedicar-se a disciplinas específicas de cada área.

Segundo dados emitidos pela QS Quacquarelli Symonds University Rankings, organização internacional de pesquisa educacional que avalia o desempenho de instituições de Ensino Médio, Superior e de Pós-Graduação, a UEPB:

[...] aparece em segundo lugar entre as universidades estaduais do Nordeste no ranking das melhores universidades da América Latina. Em nível nacional, a UEPB ocupa a 75ª posição entre todas as universidades brasileiras, incluindo as federais, e no ranking geral aparece entre as 200 universidades melhores pontuadas de toda a

América Latina. É a segunda com melhor conceito de excelência avaliada no Nordeste.²

Pensando na evolução e qualificação do conhecimento proposto pela UEPB, escolhemos como *corpus* do nosso estudo as provas de língua portuguesa dos vestibulares referentes aos anos 2003 e 2013.

Nosso interesse por tal investigação surgiu pelo fato de discutirmos continuamente, no curso de Licenciatura em Letras, a necessidade de mudança no ensino de língua, em especial, em um de seus elementos, a saber, a gramática normativa, a qual durante décadas tem sido cultuada e idealizada como algo imutável e incontestável por uma classe docente conservadora.

A pesquisa ao delimitar-se aos exames de admissão da referida instituição dos anos de 2003 e 2013, justifica-se porque achamos suficientes para o estudo as provas de língua portuguesa contempladas nesses períodos, a fim de verificarmos, nesse intervalo de tempo, possíveis avanços no que se refere às novas abordagens reflexivas quanto aos estudos das unidades da língua, demonstrando através de um estudo comparativo o que pode ser considerado como tradicional, caso exista, e o que pode ser considerado como novo, visto que a universidade defende novas teorias dentre as quais podemos citar a análise linguística, que visa propiciar a melhoria do ensino e da aprendizagem.

Tendo em vista as várias discussões em torno do ensino da gramática, e sendo o vestibular um processo avaliativo do Ensino Médio, levantamos o seguinte questionamento: a) Nas questões de língua portuguesa do vestibular da UEPB, nos anos de 2003 e 2013, prevaleceu a perspectiva da gramática tradicional ou da análise linguística? Esta pesquisa propõe como objetivo geral investigar qual perspectiva de estudo da língua, se da gramática tradicional ou da análise linguística, prevaleceu nas questões de língua portuguesa do vestibular da UEPB, nos anos de 2003 e 2013. Para tanto, têm-se os seguintes objetivos específicos: a) Verificar e analisar, no espaço temporal de dez anos da elaboração de uma prova para outra, o que mudou, isto é, se as questões de língua portuguesa do vestibular estão formuladas de acordo com a perspectiva da análise linguística ou da gramática tradicional.

² Disponível em <<http://www.uepb.edu.br/ranking-internacional-coloca-a-universidade-estadual-entre-as-melhores-instituicoes-estaduais-do-nordeste/>>. Acesso em 31/05/2013.

Nossa pesquisa torna-se relevante pelo fato de atestarmos como estão sendo formuladas as questões de vestibular em relação à gramática, se se constitui em um fim reflexivo ou analítico; ao mesmo tempo em que promoverá o conhecimento mais aguçado acerca da prática de análise linguística, concretizando-se em mais um suporte didático para o trabalho docente, já que vai além do que a concepção tradicional prega.

Esperamos que esta pesquisa possa trazer uma maior compreensão de como o vestibular da UEPB elabora suas questões de língua portuguesa, contribuindo dessa forma para que os docentes, em especial os que atuam no Ensino Médio, preparem seus alunos para terem êxito não apenas no vestibular, mas também nas várias realizações do uso da língua, compreendendo-a como um universo amplo e reflexivo, extinguindo, assim, a ideia da língua resumida à gramática normativa, e que esta está sujeita a erros e modificações, tirando-a da condição inabalável e preconceituosa.

Com o intuito de compreendermos o que constitui um ensino de língua pautado na gramática normativa e na prática de análise linguística, o presente trabalho, além da Introdução, é constituído do capítulo um, no qual buscaremos trazer contribuições teóricas de Antunes (2007; 2003), Bezerra e Reinaldo (2013), Nascimento (2008), Garcez (2004), Geraldi (1984), Marcusch (2007), Mendonça (2006), Rocha (2007), Silva (2009), Suassuna (2008), Travaglia (2009), PCN (1997); o capítulo dois destinar-se-á a metodologia; capítulo três, reservado à análise dos dados por meio da pesquisa qualitativa; e, por fim, a conclusão.

CAPÍTULO 1: ANÁLISE LINGUÍSTICA

1.1. Ensino de língua portuguesa pautado nos moldes tradicionais

A língua é algo essencial para toda e qualquer atividade humana, é ela que nos confere uma identidade ideológica, política e cultural. “É por meio dela que nos socializamos, que interagimos, que desenvolvemos nosso sentimento de pertencimento a um grupo, a uma comunidade” (ANTUNES, 2007, p. 22), ou seja, é por meio da língua que nos constituímos em seres comunicativos.

É importante ressaltar que todas as línguas possuem uma gramática, e estão intimamente ligadas numa relação de complementaridade, ou seja, uma não existe sem a outra, bem como um léxico infinito de palavras que dá condições ao falante para construir suas atividades enunciativas.

Na língua existem vários tipos de gramáticas dentre as quais podemos citar a tradicionalista/normativista, estruturalista, gerativista, funcionalista, entre outras que, segundo Antunes (2007, p. 31), “representam, assim, visões históricas da percepção que se tem acerca da linguagem e da língua, visões que em geral, retratam a ótica comum a outros setores da vida humana”. Diante dessa imensa variedade de gramáticas que a língua nos oferece, não podemos eleger qualquer tipo de gramática para representar a língua, pois todas elas apresentam uma visão diferente de percepção da língua e, assim, contribuem para a heterogeneidade, a dinamicidade do fenômeno linguístico, embora que na prática educacional não é exatamente isso que acontece.

Os ambientes escolares são previamente incumbidos da missão de cultivar e embasar suas práticas pedagógicas voltadas para o exclusivismo da gramática normativa, de modo a entender que a língua está resumida apenas a esse tipo de gramática.

Essa visão de ensino que tem como característica principal a imposição e perpetuação das regras gramaticais é consequência de modelos propostos durante séculos. Como pontua Silva (2009), a prática do ensino de Língua Portuguesa no Brasil Colônia visava à catequização dos índios por meio da imposição da língua portuguesa, numa forma de submetê-los aos interesses portugueses. Na época da independência do Brasil, meados do século XIX, inicia-se o processo da formação da gramática brasileira, a partir da reunião de várias expressões brasileiras espalhadas ao longo do território com Beaupaire Rohan, em sua obra intitulada *Dicionário de Vocábulos Brasileiros*; durante esse período até o século XX, ao aprendiz era transmitida e exigida a identificação das nomenclaturas pré-estabelecidas,

atendendo assim aos interesses da época, em que professores tinham como missão apenas alfabetizar, ou seja, o ensino era focado na arte do bem falar e escrever, e no processo de memorização das regras gramaticais que se estendeu de modo imperativo nos ambientes escolares até 1950, deixando seus requícios até os dias atuais.

Tais práticas tradicionais alicerçadas ao longo do período condizem em uma tentativa de “preservar” a língua contra ataques variantes de diferentes tipos de linguagens, os quais possam vir a ferir regras estabelecidas pela gramática normativa. Este modelo pedagógico está alicerçado basicamente na perspectiva estruturalista que surgiu na década de 1960, com o teórico Ferdinand de Saussure. De acordo Nascimento (2008), nessa perspectiva, propõe-se um estudo da língua a partir de um modo sincrônico, ou seja, busca-se compreender as relações dos elementos internos da língua (signos linguísticos) num determinado estado, verificando como eles se estabelecem, combinam-se, eliminando com isso todo fator histórico e social, tudo que esteja externo a língua. Neste tipo de visão, a língua de certa forma é tida como algo desprovido de qualquer influência, é como si ela fosse auto-independente e com um fim em si mesma.

É notável observarmos que nos programas de Língua Portuguesa de nossas escolas sempre houve o domínio do ensino das regras gramaticais em detrimento das aulas de literatura e produção textual, por entenderem os gramáticos, e grande parte de nossa sociedade, que o ensino de tais regras é suficiente para formar falantes, leitores e escritores aptos nos demais contextos enunciativos, e por significar uma forma absoluta e eficaz para a ascensão social.

Apesar da extensa carga horária que constitui o ensino de língua portuguesa, com suas normas gramaticais, as quais são repetidas ano após ano, o que dizer sobre a grande defasagem e deficiência no ensino no que se refere à aplicação da língua padrão no cotidiano social do discente? O que acontece no ensino de língua padrão que faz com que o aluno se auto-intitule como não sabedor da língua portuguesa e a rotule como difícil?

Travaglia (2009) concebe gramática normativa:

[...]como um manual com regras do bom uso da língua a serem seguidas por aqueles que querem se expressar adequadamente [...] e dizer que alguém sabe gramática significa dizer que esse alguém conhece essas normas e as domina tanto nocionalmente quanto operacionalmente. (p. 24)

Dessa forma, a gramática normativava como um modelo concebido para ser imposto de maneira prescritiva na medida em que rotula certos usos da língua como absolutos,

corretos e únicos a todos os falantes para que, assim, evitem todo tipo de erro, vício, que possam prejudicar a essa variedade padrão da língua.

Rocha (2007), assim como Travaglia (2009), enfatizam que a língua padrão está embasada nas regras gramaticais, e estas normas têm como modelo os textos literários de escritores brasileiros e portugueses, ou seja, obras clássicas por caracterizarem, segundo a gramática tradicional, um padrão correto de língua.

Diante dessa afirmação, podemos inferir que a construção de tais regras não parte da língua que vivenciamos no nosso dia-a-dia, mas de construções criadas por determinado grupo considerado com alto status social e intelectual. Rocha (2007) contesta o posicionamento dos gramáticos tradicionais quanto ao estabelecimento das regras mediante os textos literários, e toma como exemplo para sua argumentação o fato de a língua literária do modernismo/contemporâneo, representada por escritores como Guimarães Rosa e Fernando Pessoa, romper em muitos aspectos com relação aos cânones da gramática tradicional e, que mesmo assim, não podemos usar a literatura para servir de exemplo, de modelo para a língua; o autor pontua também que não faz sentido eleger a língua literária de séculos posteriores, visto ser de uma linguagem que não mais se perpetua em nosso meio comunicativo e que é inerente ao escritor e a época em que foi produzida.

Talvez seja esse um dos problemas quanto ao ensino da língua padrão. Reconhecemos o valor que os textos literários desempenham quanto ao engrandecimento da nossa cultura por serem ricos em subjetividade e emotividade, entretanto, não podemos concebê-los como representantes únicos da língua.

De acordo com Rocha (2007), “O *corpus* da língua padrão escrita deve ser constituído de textos oficiais, técnico-científicos e jornalísticos” (p. 51). Concordamos com a posição do autor, pois numa sociedade letrada e dinâmica como a nossa, em que estamos cercados de uma diversidade de gêneros textuais providos de uma linguagem que realmente está inserida no nosso vocabulário e necessidades enunciativas diárias.

A gramática normativa é construída a partir da delimitação de certos usos da língua, como leis para serem seguidas e cumpridas, mesmo que já estejam em decadência no vocabulário dos usuários da língua. Aqui está outro agravante para dificultar o ensino de língua, pois humanamente é impossível vivenciar em todas as circunstâncias comunicativas um amontoado de regras que advém de realidades “de pontos de vista refinados, mas muitas vezes, inconsistentes” (ANTUNES, 2003, p. 31), e que traz em sua composição, ainda, muitos usos de Portugal. Além disso, o que a gramática tradicional prega é que todos os falantes se

policiem a usar a língua culta/padrão, tanto no contexto escrito quanto no contexto oral, quando na verdade fatores externos à língua interferem predominantemente nas enunciações.

A obrigação que o discente tem no que se refere a cumprir as regras estabelecidas causa-lhe medo, insegurança e um sentimento de inferioridade e incapacidade, o que compromete em muito a sua aprendizagem e o despertar para a reflexão do uso da língua nas demais disciplinas que venha a estudar. Como afirma Possenti (1984*apud*GERALDI,1984, p. 51), “todas as línguas mudam, de maneira que não há razão de ordem científica para exigir que alunos dominem formas arcaicas que nunca ouvem e que pouco encontram, mesmo nos textos escritos mais correntes”. Por isso, a importância de a escola levar os alunos a perceberem que a língua está atrelada ao social, e quanto mais ela corresponder ao potencial comunicativo mais ela será eficaz.

Apesar de toda inconsistência e problemática que circunda o ensino da gramática tradicional, autores como Antunes (2007), Geraldi (1984), Rocha (2007), Travaglia (2009), Mendonça (2006), são unânimes quanto à importância do ensino da gramática normativa na escola, visto ser ela que nos dá condições de empregar de forma adequada a língua em diversos contextos comunicativos, além de possibilitar o acesso aos saberes ao longo da história. Por conta de seus atributos, a gramática normativa não poderia ficar estagnada apenas em métodos didáticos antiquados e que paralisam a dinamicidade linguística.

Para tanto, trataremos no próximo item, acerca da análise linguística, a qual estuda a linguagem a partir de seus usos reais.

1.2. O ensino de Língua Portuguesa pelo viés reflexivo: prática de análise linguística.

O cenário estático do ensino e da aprendizagem de língua portuguesa começa a tomar rumos diferentes a partir do século XX, com as mudanças sócio-econômicas atreladas a linguística moderna.

Segundo Silva (2009), esse processo de mudanças inicia-se com a contribuição pedagógica dos estudos de Piaget e Vygostsky, os quais pregavam uma aprendizagem a partir de práticas reflexivas e dialógicas. Em seguida, surge na década de 40 a Linguística Aplicada que primordialmente surgiu com a ideia de unir teoria e prática para que assim pudesse responder às necessidades sociais de forma propícia. Surge também o Letramento de cunho sociológico, o qual passava a criticar a postura artificial da escola no que se refere às práticas de letramento, bem como o aparecimento da Linguística de Texto ao propor um ensino

baseado no estudo do texto. Tais estudos marcam de forma decisiva uma nova visão quanto às abordagens e aperfeiçoamento da língua.

Diante desse novo cenário em que várias teorias são apresentadas com um único objetivo, o de promover um ensino de língua condizente com sua real situação de uso entre seus usuários, surgiram os estudos de João Wanderley Geraldi o qual apresentava num artigo intitulado de “Unidades básicas do ensino de português”, do livro “O texto na sala de aula”, a junção das práticas de Leitura, Produção de Texto e Análise Linguística, sendo esta última percebida como apogeu para modificação da pedagogia tradicional da língua. Nesse livro o referido autor foi o primeiro a usar o termo Análise Linguística e a defini-lo.

É importante ressaltar que, num primeiro momento, o termo análise linguística associado ao ensino de língua portuguesa surgiu no meio acadêmico na década de 80, incorporando-se de forma oficial ao ensino por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental (PCN), na década de 90.

Os PCN propuseram o ensino da língua portuguesa a partir do eixo USO → REFLEXÃO → USO, isto é, um ensino que possibilite aos alunos um processo de aprendizagem relacionado às práticas sociais, no qual o professor, mediante a análise dos resultados das práticas didáticas, verificaria o nível de compreensão do aluno bem como suas dificuldades, para determinar o que necessita ser abordado em sala de aula.

De acordo com a metodologia de ensino proposta pelos PCN, deveria haver o deslocamento do “enfoque da palavra ou frase (proposto pela gramática tradicional) para a análise do texto, influenciado pelas teorias linguísticas textuais e enunciativas, resultando em novos objetos de estudo” (BEZERRA; REINALDO, 2013, p. 16).

Destacamos que apesar de ter se passado cerca de três décadas, de vivermos num mundo tomado pela tecnologia, a prática de análise linguística ainda encontra certa resistência para tornar-se de fato um mecanismo recorrente da metodologia aplicada no ensino e na aprendizagem.

A análise linguística compreende uma prática condizente com as necessidades de desenvolvimento da reflexão e proporciona aos discentes uma ampliação dos recursos comunicativos, bem como uma nova visão de utilização da língua culta.

O termo prática de análise linguística nos dizeres de Geraldi (1984):

[...] não se deve ao mero gosto por novas terminologias. A análise linguística inclui tanto um trabalho sobre questões tradicionais da gramática quanto questões amplas a propósito do texto, entre as

quais vale apenas citar: coesão e coerência internas do texto; adequação do texto aos objetivos pretendidos; análise dos recursos expressivos utilizados (metáforas, metonímias, paráfrases, citações, discursos direto e indireto, etc.); organização e inclusão de informações; etc. Essencialmente, a prática de análise linguística não poderá limitar-se à higienização do texto do aluno em seus aspectos gramaticais e ortográficos, limitando-se a ‘correções’. Trata-se de trabalhar com o aluno seu texto para que ele atinja seus objetivos junto aos leitores a que se destina. (p. 74)

Percebe-se a quebra da visão tradicional em vários aspectos: o ensino de língua não mais será resumido apenas às questões gramaticais tratadas com ênfase na nomenclatura e na pura classificação, mas se dará mediante as atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas.

As atividades linguísticas (leitura/escuta e produção oral/escrita) “são as atividades de construção e/ou reconstrução do texto que o usuário usa para se comunicar” (TRAVAGLIA, 2009, p. 34), isto é, o usuário ao escrever reflete sobre o tema que irá abordar, utilizando-se dos recursos linguísticos os quais serão distribuídos de acordo com os objetivos pretendidos.

As atividades epilinguísticas têm por objetivo, “comparar, transformar, reinventar, enfim, refletir sobre construções e estratégias linguísticas e discursivas” (MENDONÇA, 2006, p. 208). São atividades conscientes, ou não, do produtor, as quais vão dar uma pausa no desenvolvimento do tema para que haja uma observação na organização dos elementos linguísticos e no processo interativo.

As atividades metalinguísticas “apoiam-se em conceitos e nomenclaturas com os quais é possível descrever os fenômenos linguísticos” (SILVA, 2009, p. 52), ou seja, busca compreender como a língua está organizada e como funciona na atividade de interação.

A prática de análise linguística começa a ser diferente em relação às práticas desenvolvidas nos moldes tradicionais, ao entender que a língua “é constitutiva dos sujeitos que reciprocamente a constroem e reconstróem em cada ato enunciativo” (SILVA, 2009, p. 49), então, a língua só é eficaz se atender as necessidades de seus falantes, numa relação de cumplicidade comunicativa. A forma equivocada com que os gramáticos percebem a língua propõe que os falantes sirvam e sigam a gramática tradicional, um dos elementos constitutivo da língua, e não que a língua sirva a seus falantes/usuários.

1.2.1. Leitura e Análise Linguística

O trabalho desenvolvido por Geraldi (1984) traça logo de início um plano de aula, no qual a leitura atrelada às bases da análise linguística se mostra como um processo primordial na aprendizagem.

Através dos textos, como afirma Geraldi (1984):

A leitura será feita em maior nível de profundidade e corresponderá ao que comumente tem sido chamado de interpretação de textos, com uma diferença: o texto deverá servir de pretexto para a prática de produção de textos orais ou escrito. [...] A introdução de um texto curto para a leitura em sala de aula poderá responder a diferentes objetivos e seguir caminhos diversos. Tais textos poderão funcionar como: pretexto desencadeador da discussão de um tema sobre o qual os alunos produzirão seus textos; revisão de pontos de vista revelados em histórias de vida e em discussões [...]; estudo das formas de dizer empregadas pelo autor, para, com isso, revisarem suas formas de dizer em texto anteriormente produzido; estudo de temas específicos do processo ensino/aprendizagem (a estrutura da narrativa, forma de apresentação de personagens, etc). (p. 64)

O referido autor ressalta que a atividade de leitura deve ser desenvolvida a partir de diversos gêneros textuais com o objetivo de desencadear nos alunos o gosto pela leitura, o contato com várias ideologias acerca de diversos temas, a capacidade de atribuir ao texto “[...] significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia” (SILVA, 2009 *apud*GERALDI, 2004, citando LAJOLO,1982, p. 58). Mediante a leitura é possível sentir o prazer de viajar num mundo de fantasias, sonhos, conhecer culturas e regiões diferentes, normas, regimentos, leis, etc.

Desse modo, a leitura contribui para o desenvolvimento crítico, para ampliação do conhecimento, favorece o aprendizado mediante a observação e contato com a linguagem formal, a qual se estabeleceu durante muito tempo de forma predominante como o centro das atenções educacionais.

A partir dessa prática torna-se efetivo “o domínio de uma língua [que] é o resultado de práticas efetivas, significativas, contextualizadas” (POSSENTI, 1984*apud*GERALDI,1984, p. 36), visto que é através da leitura, do compartilhamento de ideias, que o educando pode construir com êxito sua produção textual.

Nesse modelo de leitura promove-se a reflexão, permitindo-nos utilizar o nosso conhecimento de mundo, isto é, um conhecimento que adquirimos ao longo de nossa vida para complementar as informações novas, a partir dos elementos linguísticos e

extralinguísticos e, assim, possibilitar “que o leitor descubra significações, elabore suas hipóteses, tire suas conclusões” (ANTUNES, 2003, p. 67).

A realização da leitura de acordo com a prática de análise linguística seria o processo inicial da atividade reflexiva, “só então com o intuito de ampliar os potenciais de leitura, seriam focalizados os recursos linguísticos usados para construir sentidos” (MENDONÇA, 2006, p. 212).

Podemos notar claramente uma quebra da visão tradicional, a qual usa a leitura dos textos quase que exclusivamente para indicação de classes gramaticais, análise sintática e para que os professores verifiquem como está a pronúncia das palavras por parte dos alunos, se está sendo praticada de acordo com os rigores da gramática tradicional.

Como bem nos orienta os PCN (1997):

[...] é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprender a ler usando os procedimentos que os bons escritores utilizam. É preciso que antecipem, que façam inferências a partir do contexto ou do conhecimento prévio que já possuem, que verifiquem suas posições – tanto em relação a escrita, propriamente, quanto ao significado. (p. 42)

1.2.2. Escrita e Análise Linguística

A escrita também se constitui como uma forma do uso da língua e, para tanto, deve estar compactuando de sua dinamicidade, entretanto, o que acontece com a prática de escrita, ou seja, de produção textual no âmbito escolar, “[...] foge totalmente ao sentido do uso da língua: os alunos escrevem para o professor (único leitor, quando lê os textos). A situação de emprego da língua é, pois, artificial” (GERALDI, 1984, p. 65).

Verifica-se que a importância que os professores dão às aulas de produção textual só lhes convém para a verificação de ortografia, os temas propostos são desprovidos de qualquer planejamento e de qualquer objetivo, fatos esses que levam os alunos a elaborarem um texto sem qualquer entusiasmo e desenvoltura, e até mesmo sem saber o que e como vão escrever, justamente pela falta de orientação didática, ou seja, “[...] as atividades de escrita desenvolvidas em sala de aula são fortemente marcadas por uma pedagogia tradicional, baseada na dicotomia certo *versus* errado”, (SUASSUNA, 2008 *apud* VALENTE, 2008 , p. 193).

O modo de abordagem da escrita a partir da análise linguística vai além do domínio gramatical, e isso acontece quando há uma interação comunicativa, um engajamento, uma troca de experiências entre professor e aluno.

Como afirma Mendonça (2006):

No desenvolvimento das habilidades de escrita de textos e de produção oral, em vários gêneros, a AL pode ser de grande auxílio, na medida em que supõe não uma atitude de higienização dos textos, da correção por parte do professor sem a colaboração do aluno, mas um movimento de reflexão sobre virtudes e lacunas percebidas, de natureza diversificada [...]. (p. 214)

O professor aparece nesse cenário metodológico como mediador do conhecimento, tendo o dever de difundir para o aluno, no processo de produção, a leitura de diferentes gêneros relacionados com a atividade a ser desenvolvida na sala de aula, a adequação dos elementos linguísticos, a valorização das ideias inseridas no texto, o sentido e a importância da reescrita do texto que, de acordo com Garcez (2004):

Durante a reescritura, a atenção se desloca para a forma mais adequada e para a melhor organização final dessas ideias. A revisão é normalmente feita pelo próprio autor do texto, mas às vezes pode ser útil envolver colegas, professores, pais, irmãos, ou companheiros. É importante que um leitor dê sua opinião sobre o texto. As primeiras versões costumam trazer passagens destoantes, sem relação com o núcleo do texto, divagações ou digressões, ‘gorduras’, enfim. Como alguns trechos devem ser riscados ou refeitos, nesse momento estamos também reestruturando a forma. (p. 126-127)

Para escrever bem é necessário ter conteúdo e saber organizá-lo dentro de estruturas linguísticas condizentes com as metas pretendidas. Disso provêm os conselhos educacionais de Geraldí (1984), quando enfatiza a importância da realização de diferentes leituras por propiciarem ideias, informações as quais facilitarão “[...] alargar nosso horizontes de percepção das coisas. Aí as palavras virão, e a crescente competência da escrita vai ficando por conta da prática de cada dia, do exercício de cada evento, com regras próprias de cada tipo e de cada gênero de texto” (ANTUNES, 2003, p. 46).

Nesse sentido, os gêneros textuais se constituem como aliados à prática de análise linguística, porque viabilizam um ensino reflexivo da língua na medida em que promovem ao aluno o contato “com textos verdadeiros, com leitores e escritores verdadeiros e com situações de comunicação que os tornem necessários.” (PCN, 1997, p. 28).

Os gêneros textuais ainda se tornam relevantes pelo fato de corroborar para a interação didática, por possuírem um caráter heterogêneo, de serem de grande circulação no meio social, e por contemplarem uma infinidade de discursos.

Segundo Marcuschi (2007), os gêneros textuais:

caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação, com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores a comunicação escrita. (p. 19).

Um trabalho docente que tem como uma de suas ferramentas didáticas os gêneros textuais, ao trabalhar com a produção textual, deve deixar claro para os alunos que tipo de gênero eles vão desenvolver, o público-alvo a que o texto se destina, com que objetivo, onde e quando, atentar para o conteúdo temático, para a exploração “das inferências, das críticas, das emoções suscitadas, criação das situações-problema e de transformações veiculadas a efeitos de sentido” (BEZERRA; REINALDO, 2013, p. 45), para que a prática interativa realmente aconteça e seja desenvolvida efetivamente a competência textual.

Conforme aponta Charolles (1979, *apud* TRAVAGLIA, 2009, p. 18), a competência textual compreende a capacidade formativa a qual capacita o usuário da língua a dominar uma grande variedade de textos, bem como verificar se uma sequência linguística admite ser chamada de texto ou não; capacidade transformativa que possibilita ao usuário da língua a utilizar o texto de várias formas e com fins diversos, e a capacidade qualificativa que propicia ao usuário da língua definir num texto qual a tipologia predominante e assim caracterizá-lo.

1.3. Análise linguística X Gramática tradicional

O ensino de língua portuguesa pautado na metodologia tradicional pouco contribui para o conhecimento e enriquecimento linguístico. Este tipo de ensino confere à gramática normativa a função de representação da língua e, por isso, ela deveria ser mantida intacta e perpetuada entre os seus usuários.

E como se dá essa perpetuação gramatical? “Mediante uma formação reprodutora” (MENDONÇA, 2006, p. 204). O que acontece é que o único objetivo do ensino tradicional de

língua portuguesa é transmitir as regras gramaticais preestabelecidas e a maneira mais eficaz para que isso aconteça é por meio da decoreba. Aqui, a gramática age de forma soberana e não há uma integração entre os eixos de leitura e escrita.

A prática de ensino da análise linguística traz uma concepção de língua na perspectiva sociointeracionista, a qual privilegia o texto atentando para as condições de produção, para a compreensão dos sentidos, para a variação linguística; enfim, explora todos os elementos que constituem um texto e o processo dinâmico da língua. Nesta perspectiva, há uma preocupação em promover uma reflexão sobre os elementos e fenômenos linguísticos a partir da interação das atividades de leitura, escrita e análise linguística.

Mendonça (2006, p. 207) traça um panorama em que podemos verificar explicitamente as diferenças que compreendem a prática de análise linguística e ensino da gramática tradicional:

TABELA 1: DIFERENÇAS ENTRE ENSINO DE GRAMÁTICA E ANÁLISE LINGUÍSTICA

ENSINO DE GRAMÁTICA	PRÁTICA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA
<ul style="list-style-type: none"> • Concepção de língua como sistema, estrutura inflexível e invariável. 	<ul style="list-style-type: none"> • Concepção de língua como ação interlocutiva situada, sujeita às interferências dos falantes.
<ul style="list-style-type: none"> • Fragmentação entre os eixos de ensino: as aulas de gramática não se relacionam necessariamente com as de leitura e de produção textual. 	<ul style="list-style-type: none"> • Integração entre os eixos de ensinar: a AL é ferramenta para a leitura e a produção de textos.
<ul style="list-style-type: none"> • Metodologia transmissiva, baseada na exposição dedutiva (do geral para o particular, isto é, das regras para o exemplo) + treinamento. 	<ul style="list-style-type: none"> • Metodologia reflexiva, baseada na indução (observação dos casos particulares para a conclusão das regularidades/regras).
<ul style="list-style-type: none"> • Privilégio das habilidades metalinguísticas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalho paralelo com habilidades metalinguísticas e epilinguísticas.
<ul style="list-style-type: none"> • Ênfase nos conteúdos gramaticais como objetos de ensino, abordados isoladamente e em sequência mais ou menos fixa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ênfase nos usos como objetos de ensino (habilidades de leitura e escrita), que remetem a vários outros objetos de ensino (estruturais, textuais, discursivos, normativos), apresentados e retomados sempre que necessário.
<ul style="list-style-type: none"> • Centralidade na norma-padrão. 	<ul style="list-style-type: none"> • Centralidade dos efeitos de sentido.
<ul style="list-style-type: none"> • Ausência de relação com as especificidades dos gêneros, uma vez que a análise é mais de cunho estrutural e, quando normativa, desconsidera o funcionamento desses gêneros nos 	<ul style="list-style-type: none"> • Fusão com os gêneros, na medida em que contempla justamente a intersecção das condições de produção dos textos e as escolhas linguísticas.

contextos de interação verbal.	
<ul style="list-style-type: none"> • Unidades privilegiadas: a palavra, a frase e o período. 	<ul style="list-style-type: none"> • Unidade privilegiada: o texto
<ul style="list-style-type: none"> • Preferência pelos exercícios estruturais, de identificação e classificação de unidade/funções morfossintáticas e correção. 	<ul style="list-style-type: none"> • Preferência por questões abertas e atividades de pesquisa, que exigem comparação e reflexão sobre adequação e efeitos de sentido.

FONTE: MEDONÇA (2006)

Diante dessa explanação, no próximo capítulo, apresentaremos a metodologia da pesquisa a qual orientará este estudo.

CAPÍTULO 2: METODOLOGIA

2.1. Abordagem da pesquisa qualitativa de natureza descritivo-interpretativista

A pesquisa científica é um procedimento racional e sistemático que busca conhecer algo ou qualificar alguma informação já existente. O desenvolvimento da pesquisa científica se concretiza a partir de vários tipos quais sejam: experimental/ não-experimental, qualitativa, quantitativa, bibliográfica, documental, etc. A escolha do tipo de pesquisa ocorre por parte do pesquisador que terá como base a “finalidade prática, na metodologia geral empregada e nos tipos de questões que estimulam a pesquisa” (MOREIRA, 2008, p. 71).

Os dados da nossa pesquisa são as questões de língua portuguesa com abordagem gramatical e análise linguística dos vestibulares 2003 e 2013. Por isso, escolhemos dentre essa variedade tipológica que permeia as pesquisas, a de natureza descritivo-interpretativista com abordagem qualitativa, por possibilitar de forma consistente a observação sistemática e reflexiva dos fenômenos ocorridos. A respeito desta abordagem, Oliveira (2002) pontua que:

[...] as pesquisas que se utilizam da abordagem qualitativa possuem a facilidade de poder descrever a complexidade de uma determinada hipótese ou problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por grupos sociais, apresentar contribuições no processo de mudança, criação ou formação de opiniões de determinado grupo e permitir, em maior grau de profundidade, a interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos. (p. 117)

Dessa forma, podemos perceber a abrangência da pesquisa qualitativa e sua importância ao eleger o pesquisador como mecanismo primordial e principal da pesquisa, além de desenvolver o estudo a partir do ambiente natural, com análise dos dados.

Prestes (2008) enfatiza que a pesquisa descritiva “[...] se observam, registram, analisam, classificam e interpretam os fatos, sem que o pesquisador lhes faça qualquer interferência” (p. 26). Aqui o pesquisador não faz nenhum tipo de manifestação crítica, apenas, cumpri o seu papel que é relatar de forma detalhada os fatos analisados, ou seja, não os manipula.

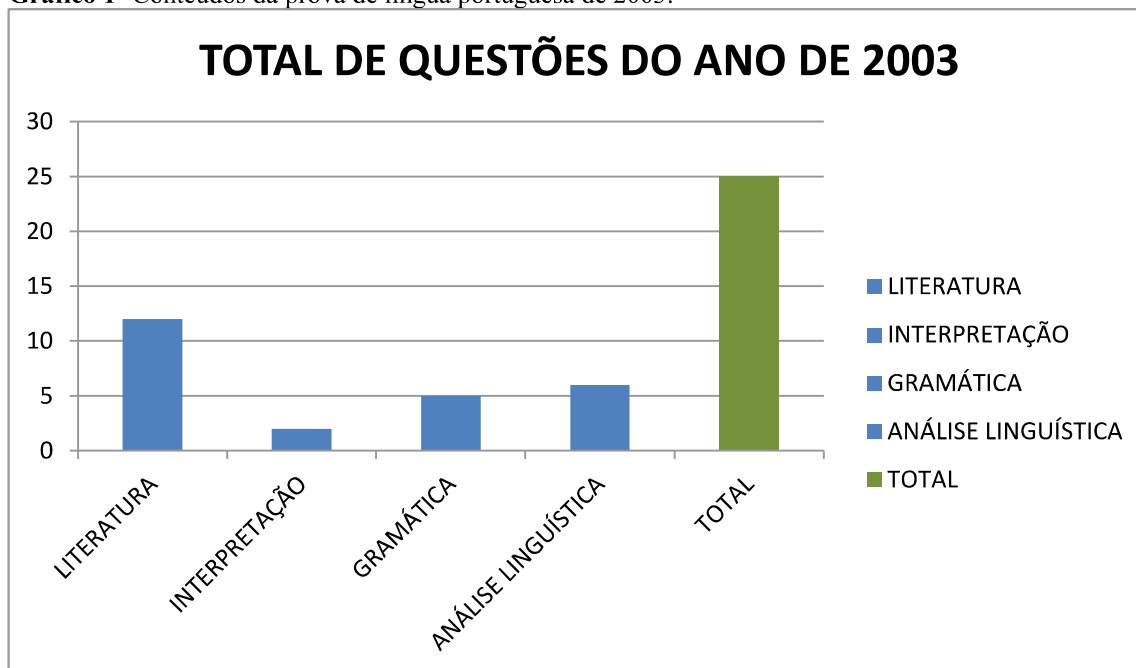
A natureza interpretativista visa interpretar os fatos mediante o significado que as pessoas lhes conferem.

2.2. Caracterização geral da prova de língua portuguesa do vestibular da UEPB

A prova de língua portuguesa apresenta as proposições, a partir da tipologia de questões de múltipla escolha, o que significa que o vestibulando terá de escolher dentre as opções que vão desde a letra “a” até a letra “e”, aquela que julgar ser a correta.

Dentre um patamar de vinte e cinco questões de língua portuguesa, referentes ao ano de 2003, e trinta e cinco questões referentes ao ano 2013, chegamos a um total de sessenta questões. Desse total, vinte e sete questões destinam-se à área de literatura, as quais ficarão excluídas deste estudo. Das trinta e três questões restantes referentes a língua portuguesa dos anos 2003 e 2013, apenas cinco de cada ano serão objetos de análise devido à exiguidade do tempo e abrangência do tema, além de nos permitir demonstrar o modo como são abordadas a gramática e a análise linguística.

Gráfico 1- Conteúdos da prova de língua portuguesa de 2003.

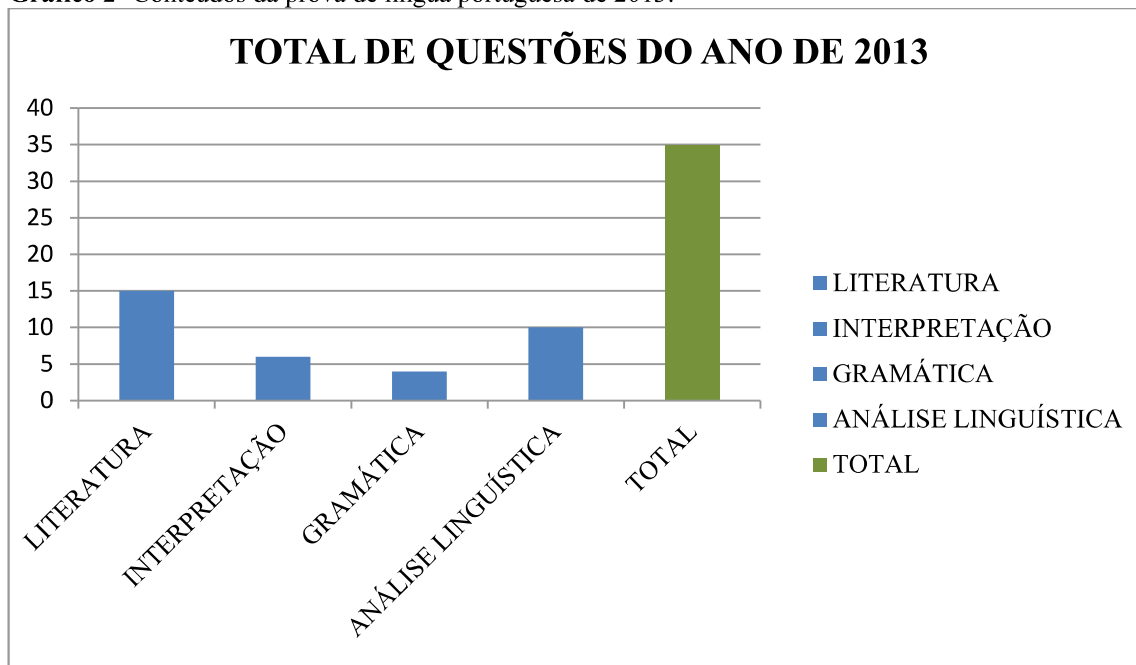


Fonte: Dados da presente pesquisa.

A prova de língua portuguesa, no ano de 2003 foi composta por vinte e cinco questões, dentre as quais 12 são de literatura, 03 de interpretação, 05 de gramática e 06 utilizando

análise linguística. As questões se estruturam de forma mesclada, ou seja, não há uma topicalização indicando a que assunto se refere.

Gráfico 2- Conteúdos da prova de língua portuguesa de 2013.



Fonte: Dados da presente pesquisa

A prova elaborada no ano de 2013 é composta por trinta e cinco questões, dentre as quais 15 são de literatura, 06 de interpretação, 04 de gramática e 10 análise linguística. Nessa prova, percebemos um aumento quanto ao número de questões, bem como há uma topicalização indicando as questões referentes à literatura.

Diante da metodologia apresentada, no próximo capítulo, partiremos para a análise das questões de língua portuguesa da UEPB referentes aos vestibulares dos anos de 2003 e 2013.

CAPÍTULO 3: QUESTÕES DE LÍNGUA PORTUGUESA EM ANÁLISE

3.1. Discutindo questões de cunho gramatical e de análise linguística no vestibular 2003.

A questão (fig. 1) que inicia a análise utiliza-se do título do texto para promover a reflexão como podemos verificar:

N(AMOR)ADA

Cessem os ruídos das máquinas, os estampidos das armas, neste século da tecnologia, para um dia se falar do amor. Hoje quero romantismo. "Quero de volta a primeira estrela que vier para enfeitar a noite de meu bem". Foi pelas estrelas mesmo que tudo começou. Esse piscar de olhos dentro da noite universal! E a mesma resposta da outra estrela, defronte! E cada uma em sua órbita, na dança que hoje as aves repetem quando desejam o amor! Uma força uniu o pó das galáxias e o Universo aconteceu. A mesma força casou prótons e nêutrons no coração dos átomos. Ela mesma casou átomos em moléculas, e estas em células. A mesma força que no mundo até as pedras faz unidas, - o amor.

5

Ao sopro dos ventos, o pólen casa as flores. E no embalo de gorjeio, as aves se casam também. Desde as origens da vida, todo ser espera o primeiro carinho para poder existir. É o amor precedendo a existência. Quem de algum modo não foi desejado, não conseguiu nascer. E daí em diante toda vida é encontro, desde o do esperma e do óvulo na fecundação. Do amor-encontro surge a mãe gestante, o primeiro berço da vida. Ela é toda inteira uma canção de ninar para um sono de nove meses.

10

A gente pensa que primeiro existe e depois é amado. Primeiro ama e depois tem saudade. Já disse que o amor precede a existência. E a saudade precede o amor. A gente já nasce inimiga da solidão, com vontade de um encontro, com saudade de quem nunca viu. Fizemos telefones e correios para encurtar as distâncias, repetindo a façanha das estrelas flertando no correio de anos-luz. E foi por essa saudade congênita que fizemos estradas também. Toda estrada parece que espera por alguém que nunca vem.

15

Adolescentes de todas as idades, aprendam uma vez mais que nem o noivado nem o casamento são mais importantes que o namoro. Case quando quiser mas namore a vida inteira. Nada mais fúnebre do que o casamento dos que não se namoram mais. Se a gente tira o amor da namorada, o que é que fica? Nada! Exatamente como se escreve:

20 n(amor)ada.

(F. Pereira Nóbrega)

Figura 1- Questão (1)

01. A intencionalidade do autor ao representar graficamente o título "N(AMOR)ADA" **deve-se a:**

- Uma construção gráfica inadequada para título.
- Um jogo morfo-semântico que sintetiza a essência do texto.
- Um recurso estilístico que dá ambigüidade à temática do texto.
- Uma pista lingüística que quebra a expectativa do leitor.
- Um jogo morfossintático que funciona como um elo entre título e texto.

Fonte: COMVEST, 2003

Na primeira questão observada (cf. fig. 1), percebemos que o título é escrito num padrão de informática denominado caixa alta, fato que já nos chama a atenção. Num segundo momento, o elaborador do texto utiliza-se do processo dinâmico da língua ao abordar o sentimento "amor" atrelado a palavra "namorada" caracterizando toda essência do texto. O autor do texto ainda consegue, num terceiro momento, atentar para duas possibilidades de construção de palavras "nada" e "amor" dentro da expressão "namorada", ou seja, são três

palavras independentes, mas que conseguem incutir no leitor uma reflexão acerca do relacionamento amoroso.

A construção da palavra “N(AMOR)ADA” nos permite pensar na euforia dos sentimentos na fase do namoro, os carinhos são mais intensos, as declarações amorosas são constantes, enfim, nesta fase da relação o amor está presente e atuante. Quando se retira a palavra “amor” do termo “namorada” resta o “nada”, que nos permite pensar numa relação que caiu na rotina, isto é, toda aquela sensação de êxtase, euforia, cumplicidade inserida no namoro resta só um vazio.

Esta questão utiliza-se estrategicamente do recurso morfossemântico. O jogo de sentidos envolvendo a palavra “namorada” é muito forte, o que nos permite uma reflexão sobre as inúmeras possibilidades quanto à construção e sentidos das palavras.

Podemos dizer dessa questão que, ao invés de reduzir a palavra “namorada” para o reconhecimento e classificação gramatical, ela vai além, ao permitir observar que, a partir dos implícitos de uma palavra, dentro de um contexto, o usuário da língua é capaz de construir vários sentidos e ainda aprender lições de vida.

Nesse sentido os PCN (1997) discorrem:

Toda educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz a linguagem que satisfaça necessidades pessoais – que podem estar relacionadas às ações efetivas do cotidiano, à transmissão e busca de informação, ao exercício da reflexão. (p. 25)

Fica bem claro para nós o caráter reflexivo desta questão na medida em que, para respondê-la, o vestibulando deverá atentar para a compreensão do termo morfossemântico, que no caso remete ao conhecimento metalinguístico o qual possibilita “[...] ao aluno o entendimento do que ele lê e o domínio da variedade linguística de prestígio” (BEZERRA; REINALDO, 2013), para, então, a partir da atividade epilinguística, diagnosticar os múltiplos sentidos que estão atrelados ao título e que vão ser essenciais para o desenrolar das ideias do texto, relacionando-os com a experiência vivida na fase do namoro. Esta questão necessita de uma leitura que vá além das entrelinhas, portanto, podemos dizer que sua formulação foi pautada na análise linguística.

Na segunda questão (cf. fig. 2) analisada, notamos a presença da forma tradicional, ou seja, o uso explícito da metalinguagem como podemos conferir na figura abaixo.

Figura 2- Questão (2)

03. No primeiro parágrafo do texto "N(AMOR)ADA", o autor faz referência a versos da canção "A noite de meu bem" de Dolores Duran. O recurso utilizado pelo autor é denominado:

- a) paródia b) citação c) intertextualidade d) epígrafe e) paráfrase

Fonte: COMVEST, 2003

Nesta questão não há o que se refletir em se tratando de quem seria o autor (a) da frase, já que no enunciado está bem claro. O que o vestibulando irá fazer é apenas recorrer ao conceito de metalinguagem, que neste caso específico seria o da intertextualidade para responder a questão.

A respeito da metalinguagem, Mendonça (2006) pontua que:

[...] o uso da metalinguagem é econômico porque possibilita referir-se aos fenômenos em qualquer exemplo, desde que estes estejam englobados sob um nome genérico. Por exemplo, a compreensão do conceito de 'ambiguidade', referido por esse mesmo termo, serve para explicar qualquer ocorrência ambígua, permitindo aos alunos analisar outros exemplos ambíguos e generalizar sobre o fenômeno. (p. 218)

Reconhecemos a importância, no que diz respeito ao domínio por parte dos alunos, da metalinguagem por várias razões sociais e culturais. No entanto, o que temos criticado na forma tradicional do ensino de língua portuguesa é justamente o fato de esta metalinguagem ser utilizada de forma predominante para reproduzir concepções gramaticais, ou seja, respostas que não permitem a reflexão.

É importantíssima uma atividade intertextual tendo em vista que, para saber diagnosticá-la, é necessária uma gama de conhecimentos advindos de atividades de leitura e compreensão. É esse conhecimento que se espera que o vestibulando tenha, então, é interessante deixar a cargo dele (vestibulando) o reconhecimento intertextual.

A terceira questão (cf. fig. 3) traz mais uma vez a abordagem da língua nos moldes tradicionais como verificamos.

Figura 3- Questão (3)

17.

Não deixe faltar energia na sua casa.
Leia Bons Fluidos.

A relação de sentido estabelecida para o termo "energia" na propaganda é denominada de:

- a) Paronímia, visto que apresenta um termo parecido com significados diferentes.
- b) Homonímia, porque se refere a um termo igual com significados diferentes.
- c) Sinonímia, porque faz referência a um termo diferente com significados iguais.
- d) Antonímia, uma vez que emprega um termo diferente com significados opostos.
- e) Polissemia, pois se trata de um termo com a propriedade de assumir vários significados no contexto.

Fonte: COMVESTTE, 2003

Essa questão trabalha com o assunto gramatical denominado significação das palavras, o qual busca estudar o sentido da palavra a partir da sinonímia, antonímia, homonímia (homógrafas, homófonas, perfeitas), paronímia, polissemia, conotação e denotação.

A gramática tradicional apresenta para cada um desses termos citados, um conceito que deverá ser perpetuado e decorado pelos discentes. Esta pedagogia de ensino nos permite dizer com seriedade, que o nosso sistema educacional está mais preocupado em acumular informações desprovidas muitas vezes de importância do que promover meios para que o conhecimento seja verdadeiramente adquirido.

Como já foi dito nesse trabalho, reconhecemos a importância da atividade metalinguística por viabilizar “[...] a construção de noções com as quais se torna possível à categorização de recursos” (REINALDO; BEZERRA, 2013, p. 37). Entretanto, o ensino de língua requer algo que vá além de mera conceituação e reconhecimento de um termo.

Nessa questão (cf. fig. 3), podemos perceber claramente o seu caráter não reflexivo, tendo em vista que exige do vestibulando um conhecimento puramente metalinguístico de uma palavra que está atrelada a uma frase solta.

A questão não deixa explícito o contexto em que a frase foi produzida, com que intenção, para quem. O que a questão exige do candidato é o reconhecimento conceitual de cada termo distribuído nas opções que vão desde a letra “a” até a letra “e”, para que em seguida veja o que mais se adéqua a palavra “energia” e, então, faça sua escolha que no caso seria pelo termo “polissemia” que segundo a gramática tradicional: “é a propriedade da

palavra de apresentar significados distintos que só podem ser explicados dentro de um contexto” (ALMEIDA, 2009, p. 54).

No enunciado da questão (cf. Fig. 3) há uma explicação muito vaga de que a frase em que está a palavra “energia” se caracteriza como uma propaganda, um gênero textual de grande circulação nas mídias, entretanto, a questão não o explora de forma propícia, e nem mesmo o apresenta em seu caráter original, isto é, que meio surgiu esta propaganda, com que objetivo, quem a produziu, para que público se destina. Estes aspectos deveriam ter sido utilizados para que, assim, o vestibulando pudesse interagir com dados linguísticos e extralinguísticos. Portanto, constatamos que esta questão é construída a partir da metodologia tradicional, isto é, pautada no exclusivismo gramatical.

A quarta questão (cf. Fig. 4) faz uma abordagem das características dos gêneros textuais.

Figura 4- Questão (4)

18. Relacione adequadamente as características da coluna à esquerda ao gênero textual indicado na coluna à direita.

- | | | |
|--|---------------------|---------------|
| (1) Texto de natureza argumentativa, com comentário avaliativo sobre objeto cultural. | () fábula | |
| (2) Predomínio da narração; linguagem referencial, impessoal, precisa, objetiva e formal. | () resenha crítica | |
| (3) Narrativa com predomínio de 1ª pessoa, apresenta sentido pedagógico, linguagem padrão, podendo ser mesclada com marcas de oralidade. | () notícia | |
| (4) Composição de enredo curto, destacando um princípio moral, ético ou político de validade universal. | () depoimento | |
| a) 4, 1, 2, 3 | c) 1, 3, 2, 4 | e) 3, 1, 4, 2 |
| b) 2, 1, 4, 3 | d) 4, 3, 1, 2 | |

Fonte: COMVEST, 2003

O trabalho com gêneros textuais sempre conduz a uma análise e reflexão da língua, na medida em que se faz necessário um levantamento de informações inseridas em cada um deles.

Existe em nossa sociedade uma imensidão de gêneros textuais, no entanto, para denominá-los é imprescindível um trabalho antecipado, o qual atente para suas condições de produção no que diz respeito aos objetivos pretendidos, ao destinatário, ao tema a ser abordado, bem como às suas características específicas, isto é, aos pormenores quais sejam: a tipologia predominante (narração, descrição, argumentação, injunção), a escolha

metalinguística entre outros aspectos, para que, assim, sejam feitas as escolhas linguísticas necessárias e condizentes com o que se almeja.

Essa questão (cf.fig.4), numa primeira observação, nos parece estar pautada na metodologia tradicional na medida em que apresenta características já cristalizadas de gêneros textuais para que, em seguida, o vestibulando identifique a quais dos gêneros citados (fábula, resenha crítica, notícia, depoimento) pertence cada caracterização linguística. Poderíamos até usar a mesma argumentação da análise feita na segunda questão (cf.fig.2), na qual para respondê-la basta recorrer ao conceito metalinguístico da intertextualidade. Entretanto, a questão representada na fig. 4 vai além porque o candidato para respondê-la, deve ser dotado do conhecimento tipológico, o qual advém de atividades linguísticas (leitura/escrita), epilinguísticas e metalinguísticas, as quais promovem de forma consciente o uso adequado dos fenômenos da língua.

Como falamos anteriormente existe uma infinidade de gêneros textuais em nossa sociedade, todavia, para que o usuário da língua saiba identificá-los e utilizá-los de forma adequada em cada contexto enunciativo é necessário um contato contínuo e efetivo com os mesmos, atentando para os recursos linguísticos e extralinguísticos que estão inseridos em cada texto. Esse conhecimento linguístico que garante autonomia ao vestibulando ou a qualquer usuário em utilizar e diagnosticar de forma adequada qualquer gênero é construído mediante a observação organizada, reflexiva e real de tudo o que a língua nos oferece.

Dessa forma, acreditamos que essa questão (cf. fig. 4) busca promover o conhecimento reflexivo das características dos gêneros textuais (fábula, resenha crítica, notícia). Tomamos por exemplo o gênero notícia, em que o vestibulando vai pensar e refletir sobre questões como impessoalidade, linguagem objetiva e formal entre outros aspectos. Sabemos que existem gêneros que possuem características semelhantes a outros, todavia o usuário da língua deve estar atento aos pormenores linguísticos os quais possibilitarão a identificação e a utilização adequada dos mesmos.

A última questão (cf.fig.5) da prova 2003, em análise, traz uma reflexão superficial acerca da escolha linguística, prevalecendo a metalinguagem.

Figura 5- Questão (5)

21. Do texto a seguir pode-se afirmar que

**AGORA QUE VOCÊ JÁ ASSISTIU
AO FILME, LEIA O LIVRO.**

- I. A construção do verbo "assistir" é inadequada porque nesse contexto não transita regência de preposição.
- II. O sentido da expressão "agora que" não corresponde totalmente à circunstância temporal, podendo ser substituído por "vez que".
- III. O termo "já" pode ser expletivo uma vez que sua ausência não causa prejuízo ao significado do texto.

Assinale a alternativa correta:

- a) Apenas I é verdadeira.
- b) Apenas II é verdadeira.
- c) I e II são verdadeiras.
- d) I e III são verdadeiras.
- e) II e III são verdadeiras.

Fonte: COMVEST,2003

Nesse formato de questão é proposto ao candidato a identificação de várias respostas possíveis. Diagnosticamos que tal questão (cf.fig.5) segue a perspectiva da gramática tradicional. Inicialmente percebemos que a frase do enunciado está solta, fora de um contexto e para responder ao enunciado, basta o vestibulando saber as regras gramaticais.

A opção (I) para a resposta contempla o assunto verbo. Geralmente num contexto informal os usuários da língua não utilizam o verbo “assistir” ligado a uma preposição, mas apenas utilizam um artigo. Então, num contexto usual teríamos a seguinte expressão “AGORA QUE VOCÊ JÁ ASSISTIU O FILME, LEIA O LIVRO”. Essa opção (I) pode propiciar uma confusão já que é tão corriqueiro utilizar-se “o filme” e não “ao filme”. Para tanto, para respondê-la corretamente basta saber as regras básicas de regência verbal.

Na opção (II), a questão cobra do vestibulando o conhecimento gramatical das classes de palavras “advérbio” e “conjunção”. A opção II é formulada a partir de uma afirmativa acerca da expressão “agora que” segundo a qual enfatiza que não corresponde totalmente à circunstância temporal. Então, o vestibulando vai recorrer à gramática e verificar o que a gramática diz acerca da expressão “vez que”, com isso a resposta está pronta, já que o mesmo verá que é a expressão “vez que” a que realmente se refere a uma circunstância temporal e que, portanto, segundo e seguindo a norma culta é a conjunção adequada para ser utilizada na frase.

Na opção (III), faz-se necessário saber o significado do termo “expletivo” que segundo conceito gramatical serve apenas para realçar uma frase, ou seja, a sua ausência não causa nenhum prejuízo ao enunciado, portanto, a resposta é bem explícita. Talvez houvesse uma reflexão se ao invés de focar no termo “já” fosse focada outra expressão.

Essa questão (cf.fig.5), embora, atente de forma quase despercebida para o aspecto semântico, neste caso quando se refere à retirada do termo “já” quanto à possibilidade de alterar o sentido do texto, percebemos que ela não traz qualquer tipo de reflexão linguística e, por isso, vamos identificá-la como gramatical.

3.2. Discutindo questões de cunho gramatical e de análise linguística no vestibular 2013.

A primeira questão (cf.fig.6) da prova de 2013 a ser contemplada em nosso estudo, exige a identificação da função do termo “se”, como podemos conferir:

Texto 01:

E SE...

... a água potável acabar?

1 As teorias mais pessimistas dizem que a água potável
2 deve acabar logo, em 2050. Nesse ano, ninguém mais tomará
3 banho todo dia. Chuveiro com água só duas vezes por semana.
4 Se alguém exceder 55 litros de consumo (metade do que a ONU
5 recomenda), seu abastecimento será interrompido. Nos
6 mercados, não haveria carne, pois, se não há água para você
7 imagine para o gado. Gastam-se 43 mil litros de água para
8 produzir 1 kg de carne. Mas não é só ela que faltará. A Região
9 Centro-Oeste do Brasil, maior produtor de grãos da América
10 Latina em 2012, não conseguiria manter a produção. Afinal, no
11 País, a agricultura e a agropecuária são, hoje, as maiores
12 consumidoras de água, com mais de 70% do uso. Faltariam
13 arroz, feijão, soja, milho e outros grãos.
14 A vida nas metrópoles será mais difícil. Só a grande
15 São Paulo consome atualmente 80,5 bilhões de litros por mês.
16 A água que abastece a região virá de Santos, uma das grandes
17 cidades do litoral que passarão a investir em dessalinização. O
18 problema é que para obter 1 litro de água dessalinizada são
19 necessários 4 litros de água do mar, a um custo de até
20 US\$ 0,90 o m³, segundo a International Desalination
21 Association. Só São Paulo gastaria quase R\$ 140 milhões em
22 dessalinização por mês. Como resultado, a água custaria muito
23 mais do que os R\$ 3 por m³ de hoje.
24 Mas há quem não concorde com esse cenário caótico.
25 “Á água só acaba se você acabar com o ciclo dela”, diz Antônio
26 Félix Domingues, da Agência Nacional de Águas. [...]

Rafael Soeiro. In: *Revista Superinteressante*. São Paulo:
Abril. Edição 305, junho/2012, p. 42.

Figura 6- Questão (6)

1ª QUESTÃO

O termo “se”, usado nos fragmentos abaixo, **não** estabelece declaração de condicionante em:

- a) “Se alguém exceder 55 litros de consumo [...]”
- b) “E se... a água potável acabar?”
- c) “Gastam-se 43 mil litros de água para produzir 1 kg de carne.”
- d) “[...] se não há água para você imagine para o gado.”
- e) “Á água só acaba se você acabar com o ciclo dela”

Fonte: COMVESTTE,2013

Inicialmente, percebemos que essa questão (cf.fig.6) apresenta-se como meramente metalinguística de classificação utilizando as classes gramaticais, porque enfatiza que o termo “se” vem focado nas quatro alternativas como “declaração condicionante”, ou seja, como conjunção condicional, e o dever do vestibulando é descobrir onde este termo aparece exercendo uma função que não seja de conjunção condicional.

Não verificamos aqui nenhuma prática que possa promover a reflexão, já que para responder tal questão é necessário apenas recorrer às regras gramaticais. O que o elaborador faz de diferente é substituir o nome “conjunção condicional” por “declaração de condicionante”.

O que acontece nessa questão é que o texto foi usado “como pretexto para estudar o tópico previamente selecionado” (BEZERRA; REINALDO, 2013, p. 54). Isto é, trata-se de reconhecer nas frases um elemento gramatical selecionado.

Na segunda questão (cf.fig.7) em análise, percebemos mais uma vez a utilização das classes de palavras pela abordagem das conjunções:

Texto 01:

ESE...

... a água potável acabar?

1 As teorias mais pessimistas dizem que a água potável
 2 deve acabar logo, em 2050. Nesse ano, ninguém mais tomará
 3 banho todo dia. Chuveiro com água só duas vezes por semana.
 4 Se alguém exceder 55 litros de consumo (metade do que a ONU
 5 recomenda), seu abastecimento será interrompido. Nos
 6 mercados, não haveria carne, pois, se não há água para você
 7 imagine para o gado. Gastam-se 43 mil litros de água para
 8 produzir 1 kg de carne. Mas não é só ela que faltará. A Região
 9 Centro-Oeste do Brasil, maior produtor de grãos da América
 10 Latina em 2012, não conseguiria manter a produção. Afinal, no
 11 País, a agricultura e a agropecuária são, hoje, as maiores
 12 consumidoras de água, com mais de 70% do uso. Faltariam
 13 arroz, feijão, soja, milho e outros grãos.
 14 A vida nas metrópoles será mais difícil. Só a grande
 15 São Paulo consome atualmente 80,5 bilhões de litros por mês.
 16 A água que abastece a região virá de Santos, uma das grandes
 17 cidades do litoral que passarão a investir em dessalinização. O
 18 problema é que para obter 1 litro de água dessalinizada são
 19 necessários 4 litros de água do mar, a um custo de até
 20 US\$ 0,90 o m³, segundo a International Desalination
 21 Association. Só São Paulo gastaria quase R\$ 140 milhões em
 22 dessalinização por mês. Como resultado, a água custaria muito
 23 mais do que os R\$ 3 por m³ de hoje.
 24 Mas há quem não concorde com esse cenário caótico.
 25 “Á água só acaba se você acabar com o ciclo dela”, diz Antônio
 26 Félix Domingues, da Agência Nacional de Águas. [...]

Rafael Soeiro. In: **Revista Superinteressante**. São Paulo:
 Abril. Edição 305, junho/2012, p. 42.

Figura 7- Questão (7)

2ª QUESTÃO

A expressão “Mas não é só [...]” foi usada para:

- a) Mostrar que a produção agropecuária consome muitos litros de água.
- b) Quantificar as consequências em relação ao desperdício de água.
- c) Negar que o consumo de água equivale à manutenção da produção da agricultura.
- d) Adicionar informação sobre os produtos que faltarão se a água acabar.
- e) Correlacionar dados sobre as maiores consumidoras de água.

Fonte: COMVEST, 2013

Ao nos depararmos com essa questão (cf.fig.7), atentamos logo para o termo “mas” relembando o conceito da classe gramatical conjunção. Entretanto, para respondê-la é necessário mais do que conhecimento de conjunção, porque solicita uma retomada do texto.

A gramática normativa diz que a classe gramatical “conjunção” divide-se em: conjunções coordenativas (aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas ou explicativas) e as conjunções subordinativas (adverbiais e integrantes). Corriqueiramente percebemos que a gramática normativa conceitua “mas” como uma conjunção adversativa, no entanto, essa questão (cf.fig.7) traz algo de diferente ao utilizar o termo “mas” como uma adição de ideias.

Essa questão utiliza-se do dinamismo linguístico para levar o vestibulando a partir da leitura do texto (atividade linguística), verificar que a expressão “mas” possibilita a progressão do desenvolvimento da ideia central do primeiro parágrafo, desencadeando, assim, uma atividade epilinguística, ou seja, uma reflexão pautada na observação atenta dos recursos expressivos.

A terceira questão (cf.fig.8), em análise, adere ao recurso da coesão endofórica anafórica, na qual “o termo refere-se a um componente anterior” (NUNO, 2012, p. 59), como conferimos:

Figura 8- Questão (8)

3ª QUESTÃO

No enunciado “Mas não é só ela que faltará” (linha 8), o termo **ela** faz referência à:

- a) Água que é utilizada na produção de carne.
- b) Carne que consome água em sua produção.
- c) Semente que é produzida na América Latina.
- d) Agricultura que é a maior consumidora de água.
- e) Defesa do abastecimento de água que será interrompido.

Fonte: COMVEST, 2013

Essa questão (cf.fig.8) utiliza-se da mesma expressão da questão anterior, no entanto, com propósitos diferentes. Aqui, os mecanismos textuais são utilizados numa tentativa de levar o aluno à reflexão sobre a função do termo “ela” como recurso que retoma um referente.

Para compreender o funcionamento do termo, é necessário voltar ao texto, atentando para sua organização. Esse processo possibilita ao vestibulando desvendar as estratégias comunicativas, bem como saber usá-las futuramente num contexto enunciativo.

Os PCN enfatizam que “considera-se mais significativo que o aluno internalize determinados mecanismos e procedimentos básicos ligados à coerência e à coesão do que memorize, sem a devida apreensão de sentido, uma série de nomes de orações [...]”. (MENDONÇA, 2006 *apud* PCN, 1997, p. 204).

Esse tipo de pergunta, portanto, propicia uma visão do termo “ela” para além das classificações e subclassificações pronominais existentes na gramática tradicional.

A quarta questão (cf.fig.9), em análise, é construída com base nos gêneros textuais:

Figura 9- Questão (9)

O parto da escrita

1 No “Equilíbrio” da última terça, Rosely Sayão veio em
2 socorro de uma professora cujos alunos em fase de
3 alfabetização se recusam a escrever manualmente. De acordo
4 com os diabetres, fazê-lo seria uma inutilidade, já que o teclado
5 é hoje onipresente.

6 A colunista defende a escrita manual e, mais
7 especificamente, a letra cursiva, afirmando que sua preservação
8 é uma questão de cidadania, já que existem ainda muitas
9 pessoas que não têm acesso à tecnologia.

10 Em grandes linhas, concordo com a psicóloga, mas
11 tenho uma ou duas coisinhas a acrescentar. Rabiscar caracteres
12 à mão – pode ser em letra de forma; eu não colocaria tanta
13 ênfase na cursiva – parece ser um elemento importante para
14 que as crianças dominem o código alfabético.

15 O problema é que, ao contrário da linguagem falada,
16 que é um item de fábrica no ser humano (não há bando que
17 não disponha de um idioma), a escrita, com seus 5.500 anos, é
18 uma invenção relativamente moderna e rara. Não surgiu mais
19 do que três ou quatro vezes ao longo da história.

[...]

Hélio Schwartzman. Folha de São Paulo.
 Caderno A2 Opinião. 1º de junho de 2012.

8ª QUESTÃO

É possível afirmar que o gênero textual aborda uma:

- a) Opinião no intuito de conquistar leitores no que diz respeito à inutilidade da escrita manual.
- b) Notícia explícita apresentada pela colunista Rosely Sayão em defesa da tecnologia.
- c) Informação implícita em relação ao código alfabético que as crianças se recusam a aprender.
- d) Argumentação clara e coerente sobre a questão da escrita na contemporaneidade.
- e) Posicionamento do autor, no sentido de convencer os leitores sobre as dificuldades do domínio da língua escrita.

Fonte: COMVEST, 2013

Esta questão (cf.fig.9) leva o leitor a refletir sobre os recursos linguísticos e extralinguísticos, bem como os textuais para que, assim, possa compreender os efeitos de sentido.

Nesse tipo de atividade é necessário que o vestibulando atente para a construção do gênero, para seus aspectos temáticos, estruturais, morfossintáticos, entre outros, numa relação de cumplicidade com o texto, o gênero e o discurso, para que assim, o conhecimento da língua possa ser construído. E, é esse o conhecimento que se espera que seus usuários possuam para que, assim, tenham a competência de utilizar de forma eficaz os recursos linguísticos necessários e adequados em cada situação comunicativa. E foi justamente com o intuito de facilitar o conhecimento da competência linguística que surgiu a análise linguística “[...] com o objetivo central de refletir sobre elementos e fenômenos linguísticos e sobre estratégias discursivas, com o foco nos usos da linguagem” (MENDONÇA, 2006, p. 206).

Podemos notar claramente que para o candidato responder a essa questão (cf.fig.9) deve utilizar-se da atividade epilinguística, pois é necessário um trabalho de observação de

unidades isoladas relacionando-as com o texto, o gênero, para se chegar aos resultados desejados.

Poderíamos num primeiro instante pensar que se trata apenas de uma questão de interpretação (cf.fig.9), mas quando nos voltamos para os pormenores inseridos no texto percebemos que se necessita de uma análise mais detalhada.

O vestibulando poderia confundir a resposta certa entre as três alternativas (a, d, e). Daí a importância de uma análise geral acerca da estrutura e dos operadores textuais.

Por que então, não seria a opção (a)? Mesmo que enfatize a opinião uma característica do gênero artigo de opinião, o texto não aborda a questão da inutilidade da escrita formal, mas cita e concorda em alguns aspectos do posicionamento de Rosely Sayão acerca da defesa da escrita manual e, mais especificamente, a letra cursiva acrescentando o ponto de vista do autor do texto.

A opção (e) apesar de abordar mais uma característica do gênero artigo de opinião, que no caso seria o posicionamento do autor, não aborda a questão da dificuldade do domínio da língua escrita.

Por fim, a letra (d) que é a resposta certa da questão (cf.fig.9), na qual trata da argumentação clara e coerente sobre a questão da escrita na contemporaneidade. É a partir da observação minuciosa do gênero artigo de opinião que se inicia o processo de análise e reflexão.

O vestibulando terá de atentar para o título, o contexto, a linguagem pessoal, objetiva, para os enunciados argumentativos como, por exemplo, a citação de forma indireta da colunista Rosely Sayão, tais aspectos darão mais enfoque e credibilidade ao texto. Pelo fato de ser necessária toda essa análise discursiva acerca do texto na sua macro e micro estrutura para identificarmos o gênero, acreditamos que essa questão (cf.fig.9) tem como base de sua formulação a análise linguística.

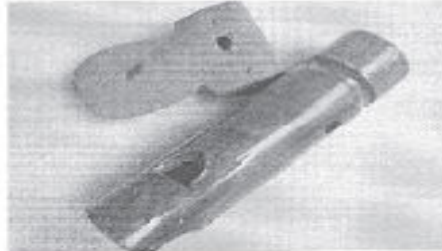
Na quinta (cf.fig.10) e última questão em análise, o vestibulando tem a tarefa de observar mais uma vez a estruturação dos elementos linguísticos para compreender a mensagem, como podemos verificar:

Leia o Texto 04 e responda às questões 17 e 18.

Texto 04:

Fui à Rio+20 e tudo que ganhei foi este apito

25/06/12 - 07:05
PORANDREBARCINSKI



“Ê ê ê ê... Índio quer apito, se não der, pau vai comer.”
Nenhuma frase resume tão bem o Brasil. Mais de 512 anos depois de Cabral pintar por aqui, o Brasilão continua dando apito para índio. E os índios, claro, somos nós.
Nada aqui é feito para resolver. É tudo cosmética. “Tudo perfumaria”, como diz um amigo.
Este país só funciona quando tem alguém de fora olhando. E a Rio+20 foi mais uma prova.
O trânsito está péssimo? Fácil: suspendam-se as aulas.
O Edward Norton não consegue chegar do hotel à praia do Leblon? É só dar folga para o funcionalismo público.
Aqui perto de casa, o posto da Polícia Rodoviária em Mambucaba (RJ), fechado há dois anos por falta de efetivo, foi reaberto – mas só para a Rio+20. Depois que a Hillary for embora, fecha de novo. E os bananas dos moradores que se danem. [...]

Disponível em: <http://andrebarcinski.blogfolha.uol.com.br/>

Figura-10- Questão (10)

18ª QUESTÃO

Nas quatro últimas linhas do texto, pode-se afirmar que há:

- Circunstância temporal com a intenção de enfatizar a crítica do autor em relação à Rio+20.
- Expressões modalizadoras com o objetivo de formar a opinião do leitor sobre a Rio+20.
- Um jogo de palavras para convencer os interlocutores a realizar uma ação contra a conferência mundial.
- Termos denotadores de intensidade para demonstrar descaso com os moradores do Rio.
- Palavras que desempenham função de relação restritiva contra a Rio+20.

Fonte: COMVEST, 2013

Nessa questão (cf.fig.10), verificamos a prática de análise linguística. Para respondê-la, o vestibulando deve fazer uma leitura do texto (atividade linguística); em seguida, deve apropriar-se da atividade epilinguística, a fim de refletir sobre os recursos expressivos do escritor, ou seja, que mensagem tais recursos querem nos dizer; posteriormente, “usa-se a língua para falar dela mesma” (BEZERRA; REINALDO, 2013, p. 36), numa atividade

metalinguística para fazer o reconhecimento dos elementos que contribuem para a compreensão da mensagem.

A questão utilizou-se dos aspectos tradicionais de uma forma diferente, isto é, de forma reflexiva. Numa metodologia tradicional, alternativa “a”, por exemplo, poderia ter utilizado a classe gramatical advérbios para identificar as circunstâncias que expressam: (afirmação, dúvida, lugar, modo, causa, etc.), a partir de uma frase qualquer, entretanto, não foi assim que a alternativa foi formulada. Utilizou-se num primeiro momento de expressões como “elementos circunstanciais temporais”, que numa terminologia gramatical teríamos “advérbio de tempo”, para levar o candidato a compreender o objetivo da mensagem inserido no texto.

É dessa forma que o ensino de língua portuguesa deve ser ministrado, mostrando que as terminologias compreendem outros significados, que vão além de mera classificação e identificação gramatical. É dessa forma que a língua atua em sua heterogeneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática de análise linguística se tornou um mecanismo pedagógico de extrema significância para a mudança no ensino de língua portuguesa, até então pautado no exclusivismo gramatical. Entretanto, ainda enfrenta muitos desafios para concretizar-se de forma predominante no meio educacional.

Esse trabalho buscou investigar, nas provas de língua portuguesa dos vestibulares 2003 e 2013, qual perspectiva de estudo da língua, se da gramática tradicional ou da análise linguística, prevaleceu nas questões de língua portuguesa do vestibular da UEPB nesses anos, bem como verificar e analisar no espaço temporal de dez anos da elaboração de uma prova para outra, o que mudou.

Grosso modo, o vestibular da UEPB, para a nossa surpresa, contempla na formulação das questões de língua portuguesa, embora que de forma não predominante, uma concepção tradicionalista, isto é, traz questões de cunho puramente gramatical, sem nenhum teor reflexivo. E por que para nossa surpresa? Porque é na universidade que tomamos conhecimento das novas teorias que se desenvolvem para o enriquecimento e qualificação do conhecimento. Então, foi no âmbito acadêmico que surgiu a teoria da análise linguística e, portanto, deveria obrigatoriamente sair pelo mesmo meio, ou seja, a partir do vestibular, a contemplação integral da teoria da análise linguística na elaboração de suas questões, extirpando assim, os velhos modos tradicionais pautados na gramática normativa.

Como sabemos é muito difícil inserir numa prática pedagogia enraizada há séculos uma nova metodologia de ensino, todavia, não é algo impossível. A universidade tem a tarefa de unir-se aos órgãos governamentais e juntos promoverem um ensino de língua focado no dinamismo linguístico.

No que se refere às questões do vestibular 2003, constatamos que do total de vinte e cinco questões, 12 são de literatura, 02 de interpretação, 05 de gramática e 06 utilizando análise linguística. Diante desse exposto, percebemos claramente a quase equivalência quanto ao número de questões referentes à análise linguística e gramática.

De modo geral, a prova apresenta em sua estrutura, as questões de forma mesclada, ou seja, não há uma topicalização indicando a que assunto se refere. Traz gêneros textuais como

(charge, piada, propaganda, gênero literário, etc), o que nos faz pensar num avanço didático, na medida em que são textos que realmente circulam na sociedade. Entretanto, a utilização de alguns desses gêneros, em muitos momentos não é adequada, já que deixam de explicitar elementos importantes como, por exemplo, o contexto em que foram produzidos, para quem, com que objetivo, entre outros, além de ficarem resumidos à classificação gramatical. As questões de língua portuguesa também contemplam frases soltas como prega à metodologia tradicional de ensino, as quais foram utilizadas para a identificação de algum termo segundo a gramática normativa. Como já enfatizamos em outros momentos, não estamos negando a importância da gramática tradicional, queremos sim, que ela seja utilizada de forma proficiente na valorização e aprendizagem da língua. Que sejam, quebrado os tabus que envolvem o ensino de língua portuguesa, que nossos alunos não mais se aterrorizem pela imposição das regras gramaticais abordadas a partir da reprodução de conceitos e frases descontextualizadas.

Apesar da quase equivalência entre questões de gramática e análise linguística, consideramos um grande avanço da prova de língua portuguesa do vestibular 2003, pois começa a propiciar ao candidato questões de cunho reflexivo, ou seja, baseadas na prática de análise linguística. Começa-se a incutir no vestibulando a necessidade de ir além das regras pré-estabelecidas, a percepção de outras possibilidades de utilização da língua.

O vestibular é um grande aliado quando se trata na mudança da prática do ensino de língua, pois entrar na universidade é o anseio de muitos jovens, então os professores mesmos aqueles meramente tradicionalistas vão ter a necessidade de mudar sua prática de ensino e acompanhar as mudanças exigidas para o êxito linguístico tanto no que se refere ao vestibular quanto à prática social.

Referindo-se a prova de língua portuguesa do vestibular 2013, observamos logo de início um aumento quanto ao número de questões, se no vestibular 2003 tínhamos vinte e cinco questões, em 2013 tínhamos trinta e cinco questões, dentre estas 15 são de literatura, 06 de interpretação, 04 de gramática e 10 de análise linguística, tendo em sua estrutura uma topicalização indicando as questões referentes à literatura, estrutura essa que não existia na prova do vestibular 2003.

Esses dados nos permitem enfatizar que decorrido um espaço de dez anos, de uma prova a outra, ainda percebemos que, embora sejam em número bem reduzido, as questões

gramaticais ainda aparecem. Isso nos faz pensar o quanto é difícil desprender-se da tradição gramatical, até mesmo para a universidade.

Outros fatores merecem destaque como, por exemplo, a grande quantidade de gêneros textuais inseridos na prova do vestibular 2013, dentre os quais podemos citar alguns: artigo de opinião, charge, reportagem, piada, tirinha, etc; os quais permitem, além das atividades gramaticais, desenvolver atividades voltadas para a reflexão da língua. Observamos também que os gêneros inseridos nas questões foram mais explorados em seus dinamismos linguísticos e contextuais.

Esse aumento de gêneros textuais é muito significativo, porque além deles fazerem parte do nosso cotidiano, o vestibulando terá a incumbência de atentar mais cuidadosamente para os seus pormenores durante sua jornada estudantil e, assim, enriquecer-se intelectualmente, pois na medida em que precisar utilizá-los em algum contexto comunicativo terá êxito.

Apesar de ainda termos encontrado, embora que em quantidade ínfima, questões gramaticais, é inegável o progresso na elaboração das questões de língua portuguesa tendo em vista a proporção de questões que se utilizam da real visão da língua.

Dessa forma, concluímos que apesar de ser uma instituição científica que busca aperfeiçoamento intelectual, a Universidade Estadual da Paraíba, continua aplicando na elaboração de suas questões a teoria gramatical, merecendo destacar que no ano de 2013 houve um predomínio da prática de análise linguística.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo. Parábola Editorial, 2007.

_____. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ALMEIDA, Nilson Teixeira de. *Gramática da Língua Portuguesa para concursos, vestibulares, ENEM, colégios técnicos e militares*. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2009, p. 54.

BEZERRA, Maria Auxiliadora; REINALDO, Maria Augusta. *Análise linguística: afinal, a que se refere?*. São Paulo: Cortez, 2013.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ensino de Língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Ana Rachel & BEZERRA, Maria Auxiliadora. (orgs). *Gêneros Textuais e ensino*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2007, p. 37-46.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

FERNANDO, Henrique Nuno. *Interpretação de textos para concursos: teoria e questões*. Rio de Janeiro: Ferreira, 2011, p. 59.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. *Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 126-127.

MARY, Luce Silva. *Breve reflexão histórica do ensino de língua portuguesa no Brasil*: UFTM: Uberaba. Disponível em: <http://latuscultus.blogspot.com.br>.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Ana Rachel & BEZERRA, Maria Auxiliadora. (orgs). *Gêneros Textuais e ensino*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2007, p. 19-36.

MENDONÇA, Márcia. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, Clécio & MENDONÇA, Márcia (orgs). *Português no ensino médio e formação de professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

NASCIMENTO, Edna Maria Fernandes dos Santos. *Saussure: o estruturalismo antes do termo*. Franca (SP): Revista Científica de Letras, 2008. Disponível em: <http://publicacoes.unifran.br>.

NOADIA, Iris das Silva. *Ensino tradicional de gramática e prática de análise linguística na aula de português*. Recife: O Autor, 2009. Disponível em: <http://www.pgletras.com.br>.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. *Tratado de Metodologia Científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, Monografias, Dissertações e Teses*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002, p. 117.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. *A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia*. 3. ed. 1. reimp. São Paulo: Rêspel, 2008, p. 26.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Gramática: nunca mais: o ensino da língua padrão sem o estudo da gramática*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

SUASSUNA, Livia. Variação linguística e produção de texto- Um estudo de caso. In: VALENTE, André. *Aulas de português: Perspectivas inovadoras*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Questões fundamentais para o ensino de gramática. In: _____. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*, 13. ed. São Paulo: Cortez, 2009, p. 18, 24, 34.

ANEXOS

N(AMOR)ADA

Cessem os ruídos das máquinas, os estampidos das amas, neste século da tecnologia, para um dia se falar do amor. Hoje quero romantismo. "Quero de volta a primeira estrela que vier para enfeitar a noite de meu bem". Foi pelas estrelas mesmo que tudo começou. Esse piscar de olhos dentro da noite universal! E a mesma resposta da outra estrela, defronte! E cada uma em sua órbita, na dança que hoje as aves repetem quando desejam o amor! Uma força uniu o pó das galáxias e o Universo aconteceu. A mesma força casou prótons e nêutrons no coração dos átomos. Ela mesma casou átomos em moléculas, e estas em células. A mesma força que no mundo até as pedras faz unidas, - o amor.

Ao sopro dos ventos, o pólen casa as flores. E no embalo de gorjeio, as aves se casam também. Desde as origens da vida, todo ser espera o primeiro carinho para poder existir. É o amor precedendo a existência. Quem de algum modo não foi desejado, não conseguiu nascer. E daí em diante toda vida é encontro, desde o do espermatozoide e do óvulo na fecundação. Do amor-encontro surge a mãe gestante, o primeiro berço da vida. Ela é toda inteira um a canção de ninar para um sono de nove meses.

A gente pensa que primeiro existe e depois é amado. Primeiro ama e depois tem saudade. Já disse que o amor precede a existência. E a saudade precede o amor. A gente já nasce inimiga da solidão, com vontade de um encontro, com saudade de quem nunca viu. Fizemos telefones e correios para encurtar as distâncias, repetindo a façanha das estrelas flertando no correio de anos-luz. E foi por essa saudade congênita que fizemos estradas também. Toda estrada parece que espera por alguém que nunca vem.

Adolescentes de todas as idades, aprendam uma vez mais que nem o noivado nem o casamento são mais importantes que o namoro. Case quando quiser mas namore a vida inteira. Nada mais fúnebre do que o casamento dos que não se namoram mais. Se a gente tira o amor da namorada, o que é que fica? Nada! Exatamente como se escreve: n(amor)ada.

(F. Pereira Nóbrega)

01. A intencionalidade do autor ao representar graficamente o título "N(AMOR)ADA" deve-se a:

- Uma construção gráfica inadequada para título.
- Um jogo morfo-semântico que sintetiza a essência do texto.
- Um recurso estilístico que dá ambigüidade à temática do texto.
- Uma pista lingüística que quebra a expectativa do leitor.
- Um jogo morfossintático que funciona como um elo entre título e texto.

02. Das citações, a seguir, APENAS uma confirma a idéia central do texto. Identifique-a:

- "Case quando quiser mas namore a vida inteira".
- "A mesma força casou prótons e nêutrons no coração dos átomos".
- "Ao sopro dos ventos, o pólen casa as flores".
- "No embalo de gorjeios, as aves se casam também".
- "Ela mesmo casou átomos em moléculas e estas em células".

03. No primeiro parágrafo do texto "N(AMOR)ADA", o autor faz referência a versos da canção "A noite de meu bem" de Dolores Duran. O recurso utilizado pelo autor é denominado:

- paródia
- citação
- intertextualidade
- epígrafe
- paráfrase

04. Comparando-se o texto "N(AMOR)ADA" com o relacionamento entre o pai e sua mulher no filme "O auto da compadecida" pode-se afirmar:

- Apresentam aspectos semelhantes, porque ambos defendem o amor como necessário à felicidade e à existência humana.
- Revelam aspectos divergentes, vez que o texto "N(AMOR)ADA" evidencia o amor romântico, enquanto o casal representa o amor inseqüente.
- Sugerem aspectos semelhantes, tendo em vista apresentarem um conceito de amor platônico.

Assinale a alternativa correta:

- Apenas I é verdadeira.
- Apenas II é verdadeira.
- Apenas III é verdadeira.
- I e II são verdadeiras.
- I e III são verdadeiras.

Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

2

05. Atente para o fragmento:

Se você não tem namorado porque não descobriu que o amor é alegre (...). Enfeite-se com margaridas e temuras (...) saia do quintal de si mesmo e descubra o próprio jardim (...). Acorde com gosto de caqui e sorria lírios (...) e beba o licor dos contos de fada. Ande como se o chão estivesse repleto de sons de flauta e do céu descesse uma revoada de borboletas...

Assinale a alternativa cujos versos **contradizem o sentido das metáforas construídas no texto de Drummond**:

- a) "Omemos nossas testas com as flores;
E façamos de feno um brando leite,
Prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
Gozemos do prazer de são amor..."
(Tomás Antônio Gonzaga)
- b) "Colham-se as rosas na manhã da vida;
Ao menos no fugir da primavera,
Das flores os perfumes se respirem
O peito se franquei aos castos gozos;
Amemos sem medida, ó cara amante!"
(Castro Alves)
- c) "Amei... desventura minha!
Quis curar-me e piorei.
O amor só mágoas continha
e, aos tormentos que já tinha,
novos tormentos juntei!"
(Menotti del Picchia)
- d) "A mulher do fim do mundo
Dá de comer às roseiras
Dá de beber às estátuas
Dá de sonhar aos poetas"
(Murilo Mendes)
- e) "Saboroso é o amor,
Fruta boa.
Coração é o quintal
Da pessoa."
(Milton Nascimento)

06. Analise as proposições a seguir, sobre "A cartomante":

- I. O conto abre-se com uma citação da tragédia "Hamlet", de Shakespeare, cuja sentença tem valor de uma advertência sobre o descobrimento humano, a respeito de fatos estranhos e inexplicáveis que acontecem no mundo.
- II. O momento especial do conto é o que desconstrói o mito da cartomante, que coincide com a morte dos amantes.
- III. A cartomante é uma personagem secundária que movimentava a ação, criando o conflito e a tensão. Funciona como antagonista e mostra argúcia para ler o comportamento humano.

Assinale a alternativa correta:

- a) Apenas I é verdadeira. d) I e II são verdadeiras.
b) Apenas II é verdadeira. e) I e III são verdadeiras.
c) Apenas III é verdadeira.

07. Observe as imagens de Amor, nos fragmentos seguintes, e analise os aspectos estilísticos que caracterizam estes textos:

Por isso os Antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza, o desama o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não atira; em bota-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge.

(Padre Antônio Vieira - Sermão)

LIRA II

Pintam, Marília, os Poetas
A um menino vendado,
Com um a aljava de setas,
Arco empunhado na mão;
Ligeiras asas nos ombros,
O tenro corpo despido,
E de Amor, ou de Cupido
São os nomes, que lhe dão.

(Tomás Antônio Gonzaga)

Não tem namorado quem não redescobre a criança própria e do amado e sai com ela para parques, fliperamas, beira d'água, show de Milton Nascimento, bosques enluarados, ruas do sonho ou musical de metrô.

(Carlos Drummond de Andrade)

Assinale a alternativa correta, tendo em vista os fragmentos em destaque:

- a) A recorrência a elementos mitológicos é uma característica árcade comum aos textos de Vieira, Gonzaga e Drummond.
- b) Gonzaga e Drummond apresentam a mesma visão clássica do amor, inspirados em poetas greco-latinos.
- c) Vieira fala sobre a fugacidade de Amor sob uma ótica conceptista barroca e Gonzaga apenas descreve a sua imagem.
- d) Gonzaga reitera a visão de Amor de Vieira e antecipa a visão modernista de Drummond a respeito do amor cortês.
- e) Vieira e Gonzaga, influenciados pelo poeta clássico Horácio, falam de Amor adotando a **aurea mediocritas**.

08. Com relação à "Inocência", são verdadeiras todas as afirmativas, **EXCETO**:

- a) Os capítulos, sem exceção, abrem-se com epígrafes de escritores clássicos, o que ratifica a influência de outras obras no ato produtor do escritor literário.
- b) O nome da heroína foi inspirado em um espécime encontrado por Cirino e classificado pelo entomólogo alemão, Dr. Meyer, com o *Papilio innocentia*.
- c) Este romance é considerado obra-prima do regionalismo romântico porque enfoca a realidade bruta do sertão goiano brasileiro.
- d) Os caracteres do povo, seus hábitos e linguagem e a riqueza do cenário, narrado com a maestria de quem conhece os costumes da terra, tornam esta obra uma peça de arte apta a representar a cultura brasileira.
- e) A degradação humana e a decadência dos valores morais são motivos temáticos que permeiam a narrativa e a enquadram dentro da tradição gótica da prosa romântica.

3

Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

09. Associe as colunas corretamente:

- (1) O romance romântico () faz alusões a elementos evocadores de rituais religiosos, impregnando a obra de misticismo.
- (2) A poesia pamasiana () tematiza os problemas sociais, enfatizando o homem, o telurismo e o engajamento.
- (3) A poesia simbolista () redescobre o Brasil, revitalizando os temas nacionais e utilizando a paródia como instrumento de crítica.
- (4) A poesia modernista (primeira fase) () defende a estrutura familiar modelada de acordo com o ideal burguês.
- (5) A poesia modernista (segunda fase) () acentua a importância da forma, concebendo o "fazer poético" como uma habilidade do poeta na composição dos versos.

Assinale a alternativa correta:

- a) 3, 5, 4, 1, 2 c) 3, 5, 4, 2, 1 e) 5, 4, 2, 1, 3
b) 4, 5, 1, 2, 3 d) 4, 5, 2, 1, 3

10. O assunto dos textos, a seguir, está contido no romance "Inocência".

Gabriela Carelli

Pense num casal apaixonado, daqueles que só têm olhos um para o outro. Para não complicar, vamos ficar com Romeu e Julieta. Há quase cinco séculos, desde que foram criados pelo dramaturgo inglês William Shakespeare, o herói e a heroína - cujas famílias, os Montecchio e os Capuleto, eram inimigas implacáveis - se tornaram na imaginação popular os símbolos do amor que desafia a tudo e a todos. No final, eles preferem morrer a viver um sem o outro. A magia desse drama deve-se, em parte, ao fato de a morte tê-los poupado do inevitável fim da paixão.

Veja, 5 de junho de 2002



Mas, que luz é essa que ali aparece naquela janela? A janela é o Oriente e Julieta o Sol. Sobe, belo astro, sobe e mata de inveja a pálida Lua.

Shakespeare, Romeu e Julieta, Ato II.

Indique o capítulo deste romance que, citando Shakespeare, realiza a cena ilustrada:

- a) **Inocência** - cap. VI - narra o primeiro encontro de Cirino com Inocência, enferma, no quarto dela.
- b) **O medicamento** - cap. IX - narra o segundo encontro de Cirino com Inocência, enferma, no quarto dela.
- c) **Realidade** - cap. XIV - narra o encontro casual de Cirino com Inocência em casa de Maria Conga, mas ele ainda disfarça o seu sentimento.
- d) **Idílio** - cap. XVIII - narra o encontro entre os apaixonados, providenciado por Cirino, momento especial em que ele confessa o seu amor.
- e) **A última entrevista** - cap. XXIII - narra o encontro de Cirino com Inocência, combinado pelo casal, momento especial em que juram amor eterno.

11. Há uma atmosfera de mistério que prenuncia tragédia em toda a trama de "A cartomante", contudo a ação que torna iminente a catástrofe final ocorre quando

- a) Rita, desconfiada por causa do afastamento de Camilo, consulta uma cartomante, sob o protesto cauteloso do amante.
- b) Camilo recebe cartas anônimas que o põem em alerta e o motivam a afastar-se da casa do amigo.
- c) Vilela muda o comportamento, mostra-se sombrio, falando pouco, como desconfiado, o que leva Rita a ficar apreensiva.
- d) Camilo recebe um bilhete de Vilela, convocando-o a comparecer à sua casa.
- e) Camilo, perturbado e ansioso, consulta a cartomante que lhe assegura o desconhecimento de Vilela sobre "o caso" e o tranquiliza.



12. Tendo em vista o roteiro do filme "O auto da Compadecida", é correto afirmar que

- a) o título revela o enredo. Trata-se da ação malograda de Nossa Senhora junto ao filho Manuel em favor de um homem astucioso.
- b) é uma peça dramática, de caráter religioso, cujo tema é a corrupção e a miséria humanas mediante os apelos da carne e do dinheiro.
- c) focaliza tipos humanos escrupulosos, especialmente os clérigos, através de quem se sustenta a moral com o exemplo para a sociedade.
- d) mostra vários ambientes, todavia a cena do julgamento transcorre no Inferno, atuando o Diabo com o protagonista.
- e) apresenta o herói tragi-cômico, artilheiro, que, apesar de suas artimanhas, próprias do nordestino bem-humorado, vai para o inferno.

13. Em "A última crônica", Fernando Sabino procura "os assuntos que merecem uma crônica", observando o mundo como um espião da vida. Entretanto, o episódio que o inspira a criar é

- a) a lembrança dos versos de Manuel Bandeira: "assim eu queria o meu último poema", de onde extrai o título de seu texto.
- b) a convivência familiar harmoniosa, tão difícil de se ver na atualidade, percebida em um bar da cidade.
- c) a postura criativa de um casal de negros pobres que improvisam uma festa de aniversário para sua filha, de forma tão singular e espontânea.
- d) a teoria sobre a crônica que se transforma no próprio conteúdo metalingüístico da obra.
- e) o sorriso puro de um pai que levou o cronista a descobrir a essência humana na simplicidade do outro.

14. Considere o romance "Inocência" e o conto "A cartomante". Há uma semelhança entre Inocência e Rita que se comprova no comportamento que podem os qualificar de

- a) imaturo, ao investirem a sorte e a honra em um amor não correspondido.
- b) astucioso, ao instilarem o veneno da sedução, envolvendo seus pares em um jogo de amor e morte.
- c) corajoso, ao irem de encontro à ordem patriarcal em nome do amor.
- d) ingênuo, ao se tomarem vítimas fatais de um crime passionnal.
- e) frívolo, ao se envolverem em um triângulo amoroso.

Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

4

15. Leia os textos a seguir e analise as proposições:

- Menina - lhe disse o cavalo -, desce do mar adentro e daqui a dois dias de viagem tu encontrarás o palácio da Mãe-d'água. Luta e mata todos os bichos que aparecerem. Num subterrâneo, está a princesa encantada, encantada num peixe muito vermelho. Mata o dragão que guarda esse peixinho. Ai tu deves tapar os teus ouvidos, porque o canto da sereia vem do fundo das águas para te encantar.

(José Lins do Rego. Histórias da velha Totônia)



E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

(Manuel Bandeira. Vou-me embora pra Pasárgada)

No verdô da minha idade,
Mode acalentá meu choro,
Minha vovó de bondade
Falava em grande tesôro.
Era histora de reinado
Prencesa e prínspe incantado,
Com feiticêra e condão
Essas histôra ingraçada
Tá selada e carimbada
Dentro do meu coração.

(Patativa do Assaré. Cante lá que eu canto cá)

- I. Os textos de José Lins do Rego, Bandeira e Assaré referem-se a seres fantásticos que povoam o imaginário infantil e adulto, contos de fada e lendas transmitidos pela oralidade, de geração para geração, que são sempre retomados pela literatura clássica.
- II. José Lins do Rego, Bandeira e Assaré resgatam, através das figuras ficcionais da velha Totônia, de Rosa e da vovó, a antiquíssima contadora de histórias que por muito tempo transmitiu cultura, educou crianças e cultivou a fantasia do povo; lugar que hoje é ocupado pelos romancistas e contistas literários.
- III. A obra de José Lins do Rego reescreve os contos de encantamento consagrados pela literatura infanto-juvenil e por este motivo não tem valor literário, assim como os versos de Assaré que, por fazerem parte do cancionário popular, não são literatura.

Assinale a alternativa correta:

- a) I, II e III são verdadeiras. d) Apenas I é verdadeira.
 - b) I e II são verdadeiras. e) Apenas III é verdadeira.
 - c) II e III são verdadeiras.
16. Assinale a alternativa correta, fazendo uma leitura morfo-sintática-semântica do fragmento seguinte:

O Ministério do Meio Ambiente diminuiu em 86% os incêndios florestais do Brasil. E aumentou significativamente os anos de vida dos nossos pulmões.

- a) Há um jogo de oposições que valoriza a mensagem do texto.
- b) Não há nenhuma relação de sentido entre "incêndio florestal" e a "vida dos nossos pulmões".
- c) Há uma inadequação de concordância em relação ao verbo "aumentar".
- d) Há um equívoco no emprego da conjunção aditiva, depois do sinal de pontuação.
- e) Toda a construção textual apresenta problemas que ferem a Norma Culta.

17.

Não deixe faltar energia na sua casa.

Leia Bons Fluidos.

A relação de sentido estabelecida para o termo "energia" na propaganda é denominada de:

- a) Paronímia, visto que apresenta um termo parecido com significados diferentes.
- b) Homonímia, porque se refere a um termo igual com significados diferentes.
- c) Sinonímia, porque faz referência a um termo diferente com significados iguais.
- d) Antonímia, uma vez que emprega um termo diferente com significados opostos.
- e) Polissemia, pois se trata de um termo com a propriedade de assumir vários significados no contexto.

18. Relacione adequadamente as características da coluna à esquerda ao gênero textual indicado na coluna à direita.

- | | |
|--|---------------------|
| (1) Texto de natureza argumentativa, com comentário avaliativo sobre objeto cultural. | () fábula |
| (2) Predomínio da narração; linguagem referencial, impessoal, precisa, objetiva e formal. | () resenha crítica |
| (3) Narrativa com predomínio de 1ª pessoa, apresenta sentido pedagógico, linguagem padrão, podendo ser mesclada com marcas de oralidade. | () notícia |
| (4) Composição de enredo curto, destacando um princípio moral, ético ou político de validade universal. | () depoimento |
- a) 4, 1, 2, 3 c) 1, 3, 2, 4 e) 3, 1, 4, 2
b) 2, 1, 4, 3 d) 4, 3, 1, 2

19.

A SECA É FOGO

Pesquisa na Amazônia demonstra que três estiagens seguidas podem causar danos irreversíveis à floresta

Veja, 27/fev/2002

Com base na manchete em evidência, é correto afirmar que

- a) houve degradação de sentido que empresta um tom pejorativo ao termo "seca".
- b) houve aproximação de sentidos entre "seca" e "fogo" em que se evidencia o valor metafórico da manchete.
- c) houve restrição de sentido, vez que o termo "seca", restringe-se unicamente à "estiagem".
- d) houve ampliação de sentido porque "seca" não pode significar "falta d'água" e "estiagem".
- e) houve emprego do termo "seca", exclusivamente, em seu sentido figurado.

5

20. Leia as proposições sobre o texto a seguir:
Nem todos estão preocupados com a receita do sucesso, tem gente apenas pensando no sucesso da receita.

Revista Cláudia Cozinha Leu, Comeu.

- I. O slogan da revista confunde a interpretação da propaganda.
- II. A inversão dos termos "a receita do sucesso" por "o sucesso da receita" altera o texto no plano morfológico, sintático e semântico.
- III. O verbo "ter" equivalendo ao verbo "haver" foi usado de acordo com a norma culta.

Assinale a alternativa correta.

- a) Apenas I é verdadeira.
- b) Apenas II é verdadeira.
- c) Apenas III é verdadeira.
- d) Apenas I e II são verdadeiras.
- e) Apenas II e III são verdadeiras.

21. Do texto a seguir pode-se afirmar que

**AGORA QUE VOCÊ JÁ ASSISTIU
AO FILME, LEIA O LIVRO.**

- I. A construção do verbo "assistir" é inadequada porque nesse contexto não transita regência de preposição.
- II. O sentido da expressão "agora que" não corresponde totalmente à circunstância temporal, podendo ser substituído por "vez que".
- III. O termo "já" pode ser expletivo uma vez que sua ausência não causa prejuízo ao significado do texto.

Assinale a alternativa correta:

- a) Apenas I é verdadeira.
- b) Apenas II é verdadeira.
- c) I e II são verdadeiras.
- d) I e III são verdadeiras.
- e) II e III são verdadeiras.

22.

- 1- *Cuidado: não dê sinal verde para um cheque em branco. Sua conta pode acabar em vermelho.*
- 2- *As moças de Peixes que se casam com rapazes de Aquário dificilmente morrem afogadas.*

(Jô Soares, Veja. SP, Abril, maio 1995)

Com relação aos dois fragmentos, pode-se afirmar que

- a) a criatividade supera a informatividade, por isso, os textos, apesar de comuns, enfatizam o caráter humorístico.
- b) a informatividade supera a criatividade, por isso, os textos acrescentam idéias às que já conhecemos.
- c) a reunião de idéias de sentidos diferentes torna os textos incoerentes, sem nexos.
- d) não há criatividade nem informatividade, pois os textos não dizem nada novo, nem engraçado.
- e) Os argumentos inconsistentes nas proposições permitem que os textos sejam escritos, mas não compreendidos.

Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

23. "Lanço então um último olhar fora de mim, □□□vivem os assuntos que merecem uma crônica".

(Fernando Sabino)

O termo "onde" no enunciado acima

- a) substitui a expressão "último olhar".
- b) alude a um termo expresso no próprio texto.
- c) remete a um tempo não explícito.
- d) refere-se a um elemento da situação comunicativa fora do texto.
- e) não é um termo referencial.

24.

Dasdô/filme



Em relação à tira acima, pode-se afirmar que

- I. as formas verbais explicitadas transmitem um a noção temporal gradativa.
- II. o efeito de humor é provocado no leitor pela quebra de expectativa.
- III. o processo de criação do autor no 3º quadrinho evidencia o uso da função metalingüística.

Assinale a alternativa correta:

- a) Apenas I é verdadeira.
- b) Apenas II é verdadeira.
- c) I, II e III são verdadeiras.
- d) II e III são verdadeiras.
- e) I e II são verdadeiras.

25.

PIADA DA VEZ

Notícia Triste

O Médico turco vira-se para o paciente e diz:
- Lamento em lhe dizer isso, mas o senhor tem apenas dois meses de vida!
- Dois meses?! Puxa, então eu não vou nem conseguir pagar o senhor!
- Ok! Eu te dou mais dois meses!

PIADA TURCA

www.humortadela.com.br

A leitura do texto acima permite afirmar que:

- a) a utilização do termo "senhor" não faz referência a pessoas diferentes do discurso.
- b) o termo "puxa" é empregado de forma imperativa.
- c) o emprego das pessoas do discurso, ora na 2ª ora na 3ª prejudica o efeito humorístico da piada.
- d) a ausência de operadores argumentativos evidencia um texto tipicamente oral.
- e) o uso insistente da exclamação no texto, expressa diferentes intenções comunicativas.

uepb 2013

Universidade
ESTADUAL DA PARAÍBA

VESTIBULAR

Língua Portuguesa | Literatura Brasileira | Língua Estrangeira

ÁREAS I, II, III e IV

Instruções para a realização das provas

- ✓ Verifique se este caderno contém **50 (cinquenta)** questões de múltipla escolha, sendo Língua Portuguesa de **01 a 20**, Literatura Brasileira de **21 a 35** e Língua Estrangeira de **36 a 50**. **Observe que este Caderno contém as duas provas de Língua Estrangeira (INGLÊS e ESPANHOL) com a mesma numeração (36 a 50). O(A) candidato(a) deve responder apenas na opção de língua estrangeira escolhida na inscrição do Vestibular.**
- ✓ Observe se há falhas ou imperfeições gráficas que causem dúvidas. Caso existam, comunique imediatamente ao Fiscal de Sala.
- ✓ Verifique se os dados existentes na folha de resposta conferem com os dados do Cartão de Inscrição e da etiqueta afixada na sua carteira.
- ✓ Esta prova, juntamente com a de Produção Textual, tem duração de **5 (cinco)** horas, sendo o início às 08h00. Não é permitida a saída do candidato antes de esgotado o tempo mínimo de **2 (duas)** horas.
- ✓ **É vedado, durante a prova, o intercâmbio ou empréstimo de material de qualquer natureza entre os candidatos, bem como o uso de celulares, calculadoras e/ou qualquer outro tipo de equipamento eletrônico. A fraude, ou tentativa, a indisciplina e o desrespeito às autoridades encarregadas dos trabalhos são faltas que eliminam o candidato.**
- ✓ **Assine, ao sair da sala, a folha de presença e entregue o seu caderno de provas e a folha de respostas, devidamente assinada, ao Fiscal de Sala.**

Comissão Permanente do Vestibular

LÍNGUA PORTUGUESA

Leia o Texto 01 e responda às questões de 01 a 05.

Texto 01:

ESE...

... a água potável acabar?

- 1 As teorias mais pessimistas dizem que a água potável
2 deve acabar logo, em 2050. Nesse ano, ninguém mais tomará
3 banho todo dia. Chuveiro com água só duas vezes por semana.
4 Se alguém exceder 55 litros de consumo (metade do que a ONU
5 recomenda), seu abastecimento será interrompido. Nos
6 mercados, não haveria carne, pois, se não há água para você
7 imagine para o gado. Gastam-se 43 mil litros de água para
8 produzir 1 kg de carne. Mas não é só ela que faltará. A Região
9 Centro-Oeste do Brasil, maior produtor de grãos da América
10 Latina em 2012, não conseguiria manter a produção. Afinal, no
11 País, a agricultura e a agropecuária são, hoje, as maiores
12 consumidoras de água, com mais de 70% do uso. Faltariam
13 arroz, feijão, soja, milho e outros grãos.
14 A vida nas metrópoles será mais difícil. Só a grande
15 São Paulo consome atualmente 80,5 bilhões de litros por mês.
16 A água que abastece a região virá de Santos, uma das grandes
17 cidades do litoral que passarão a investir em dessalinização. O
18 problema é que para obter 1 litro de água dessalinizada são
19 necessários 4 litros de água do mar, a um custo de até
20 US\$ 0,90 o m³, segundo a International Desalination
21 Association. Só São Paulo gastaria quase R\$ 140 milhões em
22 dessalinização por mês. Como resultado, a água custaria muito
23 mais do que os R\$ 3 por m³ de hoje.
24 Mas há quem não concorde com esse cenário caótico.
25 “Á água só acaba se você acabar com o ciclo dela”, diz Antônio
26 Félix Domingues, da Agência Nacional de Águas. [...]

Rafael Soeiro. In: *Revista Superinteressante*. São Paulo:
Abril. Edição 305, junho/2012, p. 42.

1ª QUESTÃO

O termo “se”, usado nos fragmentos abaixo, **não** estabelece declaração de condicionante em:

- a) “Se alguém exceder 55 litros de consumo [...]”
b) “E se... a água potável acabar?”
c) “Gastam-se 43 mil litros de água para produzir 1 kg de carne.”
d) “[...] se não há água para você imagine para o gado.”
e) “Á água só acaba se você acabar com o ciclo dela”

2ª QUESTÃO

A expressão “Mas não é só [...]” foi usada para:

- a) Mostrar que a produção agropecuária consome muitos litros de água.
b) Quantificar as consequências em relação ao desperdício de água.
c) Negar que o consumo de água equivale à manutenção da produção da agricultura.
d) Adicionar informação sobre os produtos que faltarão se a água acabar.
e) Correlacionar dados sobre as maiores consumidoras de água.

3ª QUESTÃO

No enunciado “Mas não é só ela que faltará” (linha 8), o termo *ela* faz referência a:

- a) Água que é utilizada na produção de carne.
b) Carne que consome água em sua produção.
c) Semente que é produzida na América Latina.
d) Agricultura que é a maior consumidora de água.
e) Defesa do abastecimento de água que será interrompido.

4ª QUESTÃO

O termo “segundo” (linha 20) exerce função:

- a) Discursiva argumentativa, pois acrescenta informação que estabelece veracidade em relação ao problema de dessalinização da água.
b) Enumerativa, uma vez que encadeia as ideias do texto, contribuindo para sua continuidade.
c) Sequencial, pois estabelece uma forma de progressividade no desenvolvimento das teorias sobre a água.
d) Gradativa, pois apresenta informação quanto aos modos de tratamento da água.
e) Temporal, tendo em vista ser um relator que fornece um marco denotador no que diz respeito ao consumo de água.

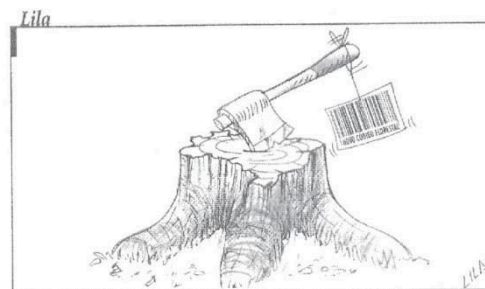
5ª QUESTÃO

No enunciado “Á água só acaba se você acabar com o ciclo dela” (linha 25), as aspas foram usadas para:

- a) Constatar uma forma de diálogo no texto, enfatizando de modo implícito o discurso do outro.
b) Identificar o discurso alheio reproduzido de forma indireta no texto.
c) Indeterminar a fala de um outro que não quer se comprometer com a declaração.
d) Marcar a dimensão discursiva e interativa da linguagem pela inserção da fala do outro.
e) Chamar a atenção do leitor para os subentendidos contidos na mensagem.

6ª QUESTÃO

A charge de Lila pode ser compreendida como um discurso dialógico que:



Jornal da Paraíba,
14 de maio de 2011

- a) Representa uma perspectiva equivocada sobre a manutenção da reserva florestal no Brasil.
b) Simplifica a temática ambiental sobre a polêmica do novo código florestal.
c) Critica a atitude humana, em relação à preservação florestal do território brasileiro.
d) Humoriza o tema do novo código florestal, em relação à exploração da vegetação no mundo inteiro.
e) Defende por meio da linguagem não verbal as garantias do direito à propriedade rural.

7ª QUESTÃO

Leia a piada e marque a alternativa correta.

O marido, ao chegar em casa, no final da noite, diz à mulher que já estava deitada:
- Querida, eu quero amá-la.
A mulher, que estava dormindo, com a voz embolada, responde:
A mala... ah! Não sei onde está não! Use a mochila que está no maleiro do quarto de visitas.
- Não é isso querida, hoje vou amar-te.
- Por mim, você pode ir até Júpiter, Saturno e até ao raio que o parta, desde que me deixe dormir em paz...

- A ambiguidade mostrada no texto se dá apenas no nível semântico.
- A piada chama a atenção para o uso incorreto dos oblíquos.
- O sentido do texto foi prejudicado pela fusão do uso de você e tu na pessoa do discurso.
- A confusão do sentido se deu, em razão do equívoco no uso dos oblíquos, pois o adequado seria o termo "lhe".
- O humor da piada consiste no jogo fonético/semântico causado pelo uso dos pronomes oblíquos.

Leia o Texto 02 e responda às questões de 08 a 11.

Texto 02:

O parto da escrita

1 No "Equilíbrio" da última terça, Rosely Sayão veio em
2 socorro de uma professora cujos alunos em fase de
3 alfabetização se recusam a escrever manualmente. De acordo
4 com os diabretes, fazê-lo seria uma inutilidade, já que o teclado
5 é hoje onipresente.
6 A colunista defende a escrita manual e, mais
7 especificamente, a letra cursiva, afirmando que sua preservação
8 é uma questão de cidadania, já que existem ainda muitas
9 pessoas que não têm acesso à tecnologia.
10 Em grandes linhas, concordo com a psicóloga, mas
11 tenho uma ou duas coisinhas a acrescentar. Rabiscar caracteres
12 à mão – pode ser em letra de forma; eu não colocaria tanta
13 ênfase na cursiva – parece ser um elemento importante para
14 que as crianças dominem o código alfabético.
15 O problema é que, ao contrário da linguagem falada,
16 que é um item de fábrica no ser humano (não há bando que
17 não disponha de um idioma), a escrita, com seus 5.500 anos, é
18 uma invenção relativamente moderna e rara. Não surgiu mais
19 do que três ou quatro vezes ao longo da história.
[...]

Hélio Schwartzman. Folha de São Paulo
Caderno A2 Opinião. 1º de junho de 2012.

8ª QUESTÃO

É possível afirmar que o gênero textual aborda uma:

- Opinião no intuito de conquistar leitores no que diz respeito à inutilidade da escrita manual.
- Notícia explícita apresentada pela colunista Rosely Sayão em defesa da tecnologia.
- Informação implícita em relação ao código alfabético que as crianças se recusam a aprender.
- Argumentação clara e coerente sobre a questão da escrita na contemporaneidade.
- Posicionamento do autor, no sentido de convencer os leitores sobre as dificuldades do domínio da língua escrita.

9ª QUESTÃO

No 1º parágrafo, o termo "fazê-lo" (linha 4) faz referência ao:

- Nível de alfabetização dos alunos de uma certa professora.
- Ato de escrever manualmente a que os alunos se recusam.
- Parto da escrita apresentado pelo articulista do Jornal.
- Uso da letra cursiva como uma questão de cidadania.
- Argumento de Rosely Sayão em socorro de uma professora de alfabetização.

10ª QUESTÃO

O uso da metáfora "Parto da escrita" no título representa:

- O surgimento da tecnologia vindo em contramão da atividade da escrita manual.
- Comparação com o "nascimento" da linguagem.
- Alusão às nossas mentes forjadas para uma existência pré-histórica.
- A reprogramação do cérebro em relação ao ato de escrever.
- Analogia aos processos psicolinguísticos da aquisição da modalidade escrita.

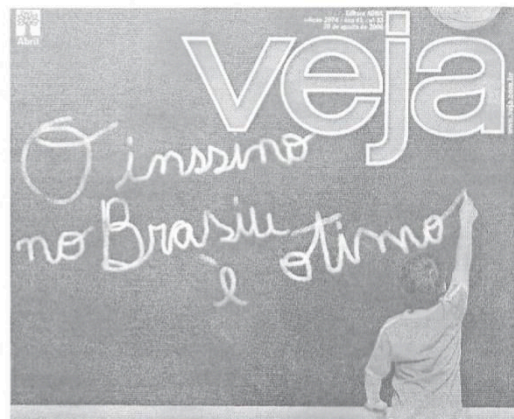
11ª QUESTÃO

O enunciado "o problema é que [...]" (linha 15)

- Não pode ser retirado da construção do período, pois causaria prejuízo ao sentido do texto.
- Remete a uma sequência de enunciados que contém uma superposição de orações.
- É um termo da gíria, deslocado no contexto do artigo.
- Causa a construção de um polissíndeto, tendo em vista o uso excessivo de vírgulas.
- Funciona como um sujeito aglutinador de todas as orações do período.

12ª QUESTÃO

Da imagem que foi capa da Revista Veja em 20 de agosto de 2008, pode-se compreender:



- O registro do modelo de ensino representado pelo uso ultrapassado da tecnologia do giz.
- Uma constatação de que os alunos não precisam escrever à mão.
- Um apelo de aluno para que melhore o ensino.
- Uma crítica irônica em relação à situação do ensino na escola brasileira.
- Uma afirmação de que a relação entre ler e escrever não é explorada na escola.

13ª QUESTÃO

A comparação entre o Texto 02 “O parto da escrita” e a imagem da Revista Veja pode levar o leitor a depreender que:

- a) O domínio do código alfabético exige a implementação de tecnologias na sala de aula.
- b) Ler e escrever são competências que dependem de inovações tecnológicas.
- c) O domínio da letra cursiva não é suficiente para o desenvolvimento de um escritor competente.
- d) A aquisição da linguagem deve ser enfatizada pelo uso da escrita no quadro de giz.
- e) A escrita é um processo que vai na contramão da invenção do computador.

Leia o Texto 03 e responda às questões 14, 15 e 16.

Texto 03:**A poesia prometida**

1 Fui colega de faculdade, na década de 1980, do poeta
 2 Eucanaã Ferraz. Fizemos o curso de Letras na Universidade
 3 Federal do Rio de Janeiro, e, depois, nunca mais nos
 4 encontramos pessoalmente. Duas ou três cartas, dois ou três
 5 e-mails. E mais nada.
 6 Quando leio seus poemas, a imagem e a voz de Eucanaã
 7 reaparecem bem nítidas para mim. Trinta anos de distância não
 8 são nada quando a palavra poética está presente.
 9 Esta é uma das promessas que a literatura (e a poesia
 10 em especial) cumpre: vencer tempo e espaço, reapresentar o
 11 ausente, renovar o momento passado, recuperar palavras e
 12 encontros.
 13 Toda leitura educadora é um encontro, e todo encontro
 14 é dialógico. E todo diálogo em leitura requer aprendizado: ver
 15 de novo e ouvir de novo. Talvez, quando os alunos se queixam
 16 da poesia, ou quando nós, professores, pouco espaço
 17 concedemos a ela em nosso dia a dia – talvez isto seja
 18 consequência de uma grande falha educacional. Uma falha que
 19 nos leva a só aceitar a poesia na medida em que a pudermos
 20 explicar.
 21 Mas a poesia não existe para ser explicada. Existe para
 22 nos ensinar a ver de novo e a ouvir de novo. Só isso. E isso é
 23 tudo.

[...]

Gabriel Perissé. *Revista Educação*. São Paulo: Segmento,
 Ano 15, nº 178, fevereiro, 2012.

14ª QUESTÃO

Em relação ao primeiro parágrafo, o texto apresenta:

- a) Procedimento narrativo em que o estado de espírito e a emoção do narrador estão ausentes.
- b) Estilo poético com clareza da função dos recursos textuais e uso de modalizadores explícitos.
- c) Texto essencialmente informativo em defesa de um ponto de vista sobre a questão abordada.
- d) Forma composicional narrativa com ênfase no poder simbólico de construções metafóricas.
- e) Estratégia narrativa com predominância de fluxo temporal e discursivo, desenvolvido em primeira pessoa.

15ª QUESTÃO

O uso do termo “Esta” no 3º parágrafo pode ser entendido como:

- a) Elemento de coesão referencial que remete para a ideia da poeticidade no texto.
- b) Expressão catafórica que faz referência às ideias propostas posteriormente.
- c) Elemento parafrástico que provoca ambiguidade no texto, constituindo uma ruptura de coesão.
- d) Termo coesivo que introduz uma justificativa para o que foi dito anteriormente.
- e) Forma vazia que pode ser substituída no texto, sem nenhuma consequência ao sentido da temática.

16ª QUESTÃO

Sobre o enunciado “Toda leitura educadora é um encontro, e todo encontro é dialógico.” (linhas 13-14), pode-se afirmar que:

- a) Demonstra quebra de coerência, pois um novo tema contraria o que foi exposto antes.
- b) Defende uma premissa, jogando com pressupostos que não resultam em conclusão convincente.
- c) Mostra ideias circulares que prejudicam o conjunto harmônico do enunciado.
- d) Apresenta equívocos conceituais, em relação ao tema leitura.
- e) Apresenta encadeamento temático, sequenciado por uma oração coordenada.

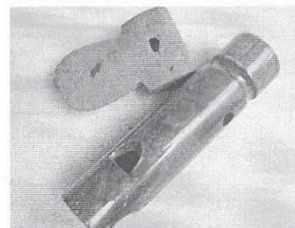
Leia o Texto 04 e responda às questões 17 e 18.

Texto 04:

Fui à Rio+20 e tudo que ganhei foi este apito

25/06/12 - 07:05

PORANDREBARCINSKI



“Ê ê ê ê... Índio quer apito, se não der, pau vai comer.”

Nenhuma frase resume tão bem o Brasil. Mais de 512 anos depois de Cabral pintar por aqui, o Brasilão continua dando apito para índio. E os índios, claro, somos nós.

Nada aqui é feito para resolver. É tudo cosmética. “Tudo perfumaria”, como diz um amigo.

Este país só funciona quando tem alguém de fora olhando. E a Rio+20 foi mais uma prova.

O trânsito está péssimo? Fácil: suspendam-se as aulas.

O Edward Norton não consegue chegar do hotel à praia do Leblon?

É só dar folga para o funcionalismo público.

Aqui perto de casa, o posto da Polícia Rodoviária em Mambucaba (RJ), fechado há dois anos por falta de efetivo, foi reaberto – mas só para a Rio+20. Depois que a Hillary for embora, fecha de novo. E os bananas dos moradores que se danem. [...]

Disponível em: <http://andrebarcinski.blogfolha.uol.com.br/>

17ª QUESTÃO

Marque a alternativa em cujo enunciado a linguagem não foi usada de forma figurada.

- “Ê ê ê ê... Índio quer apito, se não der, pau vai comer.”
- “Fui à Rio+20 e tudo que ganhei foi este apito”
- “Mais de 512 anos depois de Cabral pintar por aqui [...]”
- “Nada aqui é feito para resolver. É tudo cosmética. ‘Tudo perfumaria’ [...]”
- “E os bananas dos moradores que se danem.”

18ª QUESTÃO

Nas quatro últimas linhas do texto, pode-se afirmar que há:

- Circunstância temporal com a intenção de enfatizar a crítica do autor em relação à Rio+20.
- Expressões modalizadoras com o objetivo de formar a opinião do leitor sobre a Rio+20.
- Um jogo de palavras para convencer os interlocutores a realizar uma ação contra a conferência mundial.
- Termos denotadores de intensidade para demonstrar descaso com os moradores do Rio.
- Palavras que desempenham função de relação restritiva contra a Rio+20.

19ª QUESTÃO

Leia a tirinha e marque a alternativa correta.



Preto no Branco, Allan Sieber. Disponível em:
<http://talktohimselfshow.zip.net/arch2012-07-01_2012-07-31.html>

- O sentido cômico do texto acontece por meio do desfecho no último quadrinho em relação à ação da ex-mulher do personagem.
- A comicidade é ocasionada pelo uso da imagem de um personagem que atende aos recursos linguísticos sugeridos em cada quadrinho.
- A tira explora a contradição entre o jogo das palavras “andar a pé”, “andar mancando” e “voltar correndo”.
- O sentido de humor na leitura da tirinha é provocado pelo equívoco da imagem do terceiro quadrinho, que apresenta o personagem sem a perna enfaixada.
- O humor da tira se deve à intertextualidade entre os comandos verbais em relação ao “jogo da vida dura” e ao modelo de um jogo popularmente conhecido.

20ª QUESTÃO

Da leitura da charge é possível inferir que:

- A torcida brasileira está preocupada com os problemas sociais advindos com a Copa do Mundo.
- A Copa do Mundo com todo seu fulgor ocupa totalmente a mente de brasileiro.
- A alegria do brasileiro, em relação à copa do mundo, é do tamanho do Brasil.
- O brilho da Copa do Mundo não ofusca a mente do povo brasileiro, em relação aos problemas sociais existentes.
- A realização da Copa do Mundo no Brasil vai resolver todos os problemas sociais.



LITERATURA BRASILEIRA

21ª QUESTÃO

Sobre o Arcadismo brasileiro pode-se afirmar:

- I- Estilo artístico literário que consistia na recusa do obscurantismo e do exagero Barroco em prol do culto da vida simples em harmonia com a natureza, primando por uma visão racional do mundo e das relações humanas, o que levou seus principais poetas a aliar a contenção formal à contenção afetiva.
- II- Estilo artístico literário que transformou a tensão barroca numa retórica de contestação política, o que levou seus principais representantes a lutarem pela independência do Brasil e a recusarem toda influência europeia, sobretudo portuguesa.
- III- Estilo artístico literário precursor do modernismo por sua recusa da métrica clássica e dos versos regulares, tendo sido os poetas árcades os primeiros a experimentar o verso livre e a poesia visual.
- a) Apenas III está correta
b) Apenas II está correta
c) Apenas I está correta
d) Apenas II e III estão corretas
e) Apenas I e III estão corretas

22ª QUESTÃO

Sobre Tomás Antonio Gonzaga NÃO é correto afirmar:

- a) Recusou a mitologia grega e os valores do classicismo, comuns nos seus contemporâneos, por achá-los artificiais e não condizentes com o novo papel do escritor na sociedade brasileira.
- b) Sua poesia se sobressai pela simplicidade e pela atenuação das tensões. Nela não há espaço para os conflitos filosóficos e teológicos do Barroco nem para os arroubos afetivos que vão impregnar a poética romântica.
- c) Em seus poemas a Marília, a visão racional da natureza como pano de fundo para as ações comuns do homem é corroborada pela musicalidade sem grandes variações rítmicas.
- d) Embora identificado como um dos principais articuladores da chamada "Inconfidência mineira", sua obra não contém traços de nacionalismo ou de defesa explícita da independência brasileira.
- e) Sua poesia lírica contém os principais valores literários do Arcadismo, inclusive sendo precursor de aspectos que o romantismo iria posteriormente desenvolver, como o idílio amoroso e o despojamento de linguagem.

23ª QUESTÃO

Considere o fragmento da carta 9ª e as afirmações que seguem:

– A desordem, amigo, não consiste
Em formar esquadrões, mas, sim, no excesso.
Um reino bem regido não se forma
Somente de soldados; tem de tudo:
Tem milícia, lavoura, e tem comércio.
– Se quantos forem ricos se adornarem
Das golas e das bandas, não teremos
Um só depositário, nem os órfãos
Terão também tutores, quando nisto
Interessa, igualmente, o bem do império.
– Carece a monarquia dez mil homens
De tropa auxiliar? Não haja embora
De menos um soldado, mas os outros
Vão à pátria servir nos mais empregos,
Pois os corpos civis são como os nossos,
– Que, tendo um membro forte e os outros débeis,
Se devem, Doroteu, julgar enfermos.

- I- O autor demonstra preocupação com o excessivo aparelhamento militar da administração de Cunha Menezes, que fortalece o autoritarismo e não as atividades profissionais modernas ainda insipientes na Vila Rica da década de 1780, mas que o poeta nomeia.
- II- O fragmento permite observar a relação que percorre as *Cartas chilenas* entre as atividades de juiz e de ouvidor de Tomás Antonio Gonzaga e sua prática de poeta. Há nelas não só a crítica aos desmandos de uma administração "delinquente", há também a utopia de uma administração moderna, orientada pelos preceitos do Iluminismo e do despotismo esclarecido.
- III- O fragmento demonstra o papel ético-pedagógico da poesia, que serve de mediador para a busca filosófica e jurídica por harmonia nas ações humanas, contra o excesso e a irracionalidade, que "enfermam" a administração pública.
- a) Apenas II está correta
b) Apenas I está correta
c) Todas estão corretas
d) Apenas III está correta
e) Apenas I e III estão corretas

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - Comissão Permanente do Vestibular
LÍNGUA PORTUGUESA, LITERATURA BRASILEIRA E LÍNGUA ESTRANGEIRA

24ª QUESTÃO

Sobre as *Cartas chilenas* é correto afirmar:

- a) Trata-se de um poema escrito em versos livres, raro para os padrões literários da época, e que corrobora com o teor abertamente revolucionário das cartas.
- b) Escrito sob a forma de cartas, gênero literário bastante utilizado na época, trata-se de um poema herói-cômico que critica os desmandos de Luis da Cunha Menezes, governador de Vila Rica na época (1783-1788), que no poema é “Fanfarrão Minésio”.
- c) Diferente de sua poesia lírica, em *Cartas chilenas* Tomás Antonio Gonzaga lança as bases do projeto literário de procura da identidade nacional, passo decisivo para a independência do Brasil.
- d) A crítica à propriedade privada e o discurso abertamente antiescravidão são algumas das características socialistas das *Cartas*.
- e) O sentimento de rebeldia antiportuguês e de defesa da autonomia brasileira foi fator decisivo na marginalização das cartas, que foram decisivas para o degredo do poeta, mais do que sua suposta participação na “Inconfidência mineira”.

25ª QUESTÃO

Considere as afirmações:

- I- A narrativa brasileira contemporânea é heterogênea, os diversos gêneros, conto, romance, novela, já não possuem um único princípio temático dominante, antes é da diversidade que ela se nutre, romances de testemunho e relatos de experiência, novelas históricas, contos sobre o cotidiano das grandes cidades brasileiras, histórias de violência e superação, são alguns de seus temas, sem que se possa demarcar rigidamente uma tendência dominante.
 - II- A narrativa brasileira contemporânea reflete as mudanças significativas ocorridas na sociedade brasileira após a redemocratização em meados da década de 1980. Mudanças sociais, políticas, tecnológicas, na luta dos grupos minoritários pelo direito à diversidade de gênero e etnia, têm sido potencializadores de sua diversidade.
 - III- Assim como a busca da identidade nacional foi o núcleo temático da primeira geração romântica, o tema da violência é o único foco de interesse dos escritores brasileiros hoje, o que tem impedido a narrativa contemporânea de refletir sobre a diversidade de modos de vida do Brasil atual e suas demandas de toda ordem.
- a) Apenas I e III estão corretas
 - b) Apenas I está correta
 - c) Apenas II está correta
 - d) Apenas III está correta
 - e) Apenas I e II estão corretas

26ª QUESTÃO

Sobre *O invasor* de Marçal Aquino é correto afirmar:

- a) Romance de natureza épica, trata das peripécias do narrador, Ivan, em sua luta para evitar o assassinato de um dos sócios da construtora, o que o leva a constantes conflitos com Alaor e ao desfecho trágico decorrente de seu envolvimento com Marina, a filha do sócio.
- b) Centrado nas ações de 3 personagens, Ivan, Alaor e Anísio, este último contratado para assassinar um dos sócios da construtora, a novela trata dos conflitos desencadeados pela presença cada dia mais constante de Anísio no cotidiano da empresa.
- c) Drama contemporâneo brasileiro que reflete a respeito dos valores éticos do narrador, Ivan, em luta para evitar a falência da construtora da qual é sócio, recusando todos os meios escusos para tanto, dos muitos que lhe são ofertados, tais como assassinar o sócio majoritário, sonegação fiscal, superfaturamento de obra pública e propina.
- d) A narração em 3ª pessoa dá mais densidade às ações dos personagens na medida em que permite uma visão panorâmica de seus conflitos psicológicos e sociais.
- e) A presença de Anísio permite aos sócios uma nova injeção de capital e de criatividade na construtora, o que permite a Alaor e Ivan fazerem novos investimentos e atraírem para a construtora a carismática Marina, cujos trabalhos de publicidade vão potencializar a reinserção da empresa no mercado.

27ª QUESTÃO

Sobre *O invasor* de Marçal Aquino NÃO é correto afirmar:

- a) Um dos pontos fortes da novela é a representação do conflito desencadeado por relações sociais, típicas do Brasil contemporâneo, que desfazem a fronteira que separa a elite dos excluídos e sua luta para manter intacta tal fronteira, sem contudo deixar de servir-se dos grupos marginalizados para por em prática seus interesses.
- b) Narrado em 1ª pessoa por Ivan, sócio de uma construtora, *O invasor* encena o drama psicológico do narrador e seus conflitos éticos depois de encomendar a morte do sócio.
- c) Trata-se de uma novela que põe em cena as consequências da violência urbana no Brasil contemporâneo.
- d) *O invasor* expõe o poder do dinheiro e a fragilidade do valor dado à vida humana nas modernas cidades brasileiras, nas quais o assassinato e o oportunismo são para muitos moeda de ascensão social e de busca por cidadania.
- e) *O invasor* expõe a falta de justiça social no Brasil contemporâneo e mostra como os pactos escusos se mantêm sem consequência, sem que se altere a ordem das relações sociais entre as classes, entre as elites e os grupos marginalizados, que se mantêm rigidamente separados no espaço da cidade.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - Comissão Permanente do Vestibular
LÍNGUA PORTUGUESA, LITERATURA BRASILEIRA E LÍNGUA ESTRANGEIRA

28ª QUESTÃO

Segundo a acepção geral dos dicionários de língua portuguesa, a palavra **INSÓLITO** é um adjetivo que pode significar aquilo que não acontece habitualmente, o que é contrário ao uso, às regras: expressão insólita. Desusado, desacostumado; incrível, conceito reiterado por Flávio Garcia em *O insólito em questão* (São Paulo, Dialogarts, 2009), quando aponta que *in-sólito* tem, inicialmente, dois sentidos, e o primeiro dele refere-se àquilo que não é habitual, cotidiano, costumeiro.

A partir deste conceito, leia as proposições abaixo e marque a alternativa correta:

- I- Em “Como pegar na voz de um peixe”, “Quando o homem faz sua primeira lagartixa”, “Meu avô apregoa urinóis”, “É como estar amanhecido a pássaros”, “Um perfume vermelho me pensou” e “Etrúria deve ser um lugar sem melancia”, Manoel de Barros confronta a realidade conhecida do leitor à realidade criada na e pelas imagens materializadas e caracterizadas pelo inusitado, pela novidade, pelo insólito.
- II- Em “Como pegar na voz de um peixe”, “Quando o homem faz sua primeira lagartixa”, “Meu avô apregoa urinóis”, “É como estar amanhecido a pássaros”, “Um perfume vermelho me pensou” e “Etrúria deve ser um lugar sem melancia”, Manoel de Barros utiliza uma das técnicas da poesia contemporânea, que consiste em reafirmar a realidade do leitor através da e pelas comparações estabelecidas nos fragmentos dados, bastante habituais ao leitor.
- III- Em “Como pegar na voz de um peixe”, “Quando o homem faz sua primeira lagartixa”, “Meu avô apregoa urinóis”, “É como estar amanhecido a pássaros”, “Um perfume vermelho me pensou” e “Etrúria deve ser um lugar sem melancia”, Manoel de Barros, como todos os poetas da geração pós-1945, insiste na reinvenção da linguagem, tornando possível, pelos fragmentos dados, uma nova “ordem gramatical”, baseada em aspectos morfológicos e sintáticos que produzem, pela invenção, outros sentidos além dos já do cotidiano do leitor.

Está(ão) correta(s) apenas:

- a) II e III b) II c) III d) I e) I e III

29ª QUESTÃO

- I- A reflexão sobre o uso “racional” da língua(gem) em Manoel de Barros estabelece um diálogo com ideias contidas na poética de João Cabral de Melo Neto. Este, em “O sertanejo falando”, poema de *A educação pela pedra*, aponta para as particularidades da língua por seus usuários, atendendo a determinados objetivos ou questões sociais, quando assim expressa: “Daí porque o sertanejo fala pouco:/ as palavras de pedra ulceram a boca/e no idioma pedra se fala doloroso;o natural desse idioma fala à força./Daí também porque ele fala devagar:/tem de pegar as palavras com cuidado,/confeitá-las na língua, rebugá-las;/pois toma tempo todo esse trabalho”.
- II- Manoel de Barros, usando do mesmo artifício de João Cabral de Melo Neto, no poema “O sertanejo falando”, chama a atenção do leitor para o uso diferencial da língua pelo poeta: “Sombra-Boa entardece./Caminha sobre estratos de um mar extinto./[...] Sombra-Boa ainda ouve nestes lugares/Conversamentos de gaivotas./[...] Sombra-Boa tem hora que entra em pura/decomposição lírica: ‘Aromas de tomilhos dementam/Cigarras’ Conversa em Guató, em Português, e em/ Pássaro./Me disse em língua-pássaro”.
- III- Tanto João Cabral de Melo Neto como Manoel de Barros evidenciam, pela imagem de um idioma particular – “idioma pedra” e “[idioma] Pássaro”, respectivamente, a necessidade do poeta em “fazer defeitos na frase” e “saber errar bem o seu idioma”, configurando, assim, esses momentos poéticos uma espécie de textos que apontam para um efeito metapoético, ou seja, falam sobre o fazer poético, sobre a linguagem da poesia e do seu uso.

É correto afirmar:

- a) Apenas II está correta c) Apenas III está correta e) Apenas II e III estão corretas
b) Todas estão corretas d) Apenas I está correta

30ª QUESTÃO

- I- Na parte intitulada *UMA DIDÁTICA DA INVENÇÃO*, Manoel de Barros entende por poesia o “Desinventar objetos. O pente, por exemplo./Dar ao pente funções de não pentear. Até que/ele fique à disposição de um ser begônia. Ou/ uma gravanha./Usar algumas palavras que ainda não tenham/idioma”.
- II- Manoel Bandeira, contemporâneo (cronológico) de Manoel de Barros, em *Estrela da tarde* (1960), e aludindo à questão tratada por Manoel de Barros, embora não pelos mesmos caminhos ou sentidos, assim se manifesta quanto ao referente no poema “Satélite”: “FIM DE TARDE./ No céu plúmbeo/ A lua baça/ Paira/ Muito Cosmograficamente/ Satélite.// Desmetaforizada,/ Desmitificada,/ Despojada do velho segredo de melancolia,/ O astro dos loucos e dos enamorados./Mas tão-smente/ Satélite.// Ah Lua deste fim de tarde,/ Demissionária de atribuições românticas [...]”
- III- Manoel Bandeira “prega” a objetividade ou a denotação do referente poético; por outra via, Manoel de Barros, também em relação ao objeto ou referente poético específico, propõe a mesma ideia (desinventar objetos), mas com finalidade distinta (dar ao pente funções de não pentear), ou seja, metaforiza-o ao extremo, de forma a, nele, no objeto, perder-se ou tornar-se nula a ideia primeira e denotativa do referente, numa clara alusão, talvez, ao proposto por Marcel Duchamp, na obra *Fonte* (1917), na qual um mictório invertido não sinaliza mais o sentido-função primeira do referente, a saber, a de escoadouro de urina.

É correto afirmar:

- a) Apenas III está correta c) Todas estão corretas e) Apenas II e III estão corretas
b) Apenas II está correta d) Apenas I e II estão corretas

31ª QUESTÃO

- I- Um dos recursos poéticos utilizados por Manoel de Barros em *O livro das ignoranças* é o inusitado das imagens trazidas à tona que operam redes semânticas bastante equilibradas, mesmo traduzindo pensamentos-ideias através de construções linguísticas que, numa primeira leitura, estariam centradas semanticamente apenas na relação de oposição ou de contrários.
- II- As relações de aparente oposição ou contrários como em “Sou **perverso pelas castidades?/Santificado pelas imundícies?/Há certas frases que se iluminam pelo opaco**”, “Ando muito **completo de vazios**”, “A minha **independência tem algemas**”, “As coisas me **ampliaram para menos**”, “É a **sensatez** que aumenta os **absurdos**”, “Esse Padre Ezequiel foi o meu primeiro **professor de agramática**” denotam um estilo autoral (na obra em questão) e uma coerência interna da obra.
- III- As imagens “contrastivas” operam na obra um efeito de sentido que realça a realidade comum ou cotidiana e representada, sem que esta se torne incompreensível para o leitor, porque reelaborada por pensamentos que convergem para o insólito, para o inusitado no livro: ponto maior da poética d’*O livro das ignoranças*.

Sobre as proposições acima, é correto afirmar:

- a) Todas estão corretas d) Apenas I está correta
b) Apenas II está correta e) Apenas II e III estão corretas
c) Apenas III está correta

32ª QUESTÃO

- I- No trecho “Vi aparecer a cabeça da criança; e depois o corpo; e depois as pernas. *Normais*. Normais. É normal, Dona Hortência, eu perguntava, é normal o bebê? Claro que é normal, resmungava a velha, cortando o cordão umbilical, um guri bem normal” (p. 139) de *O centauro no jardim*, é possível inferir que, implicitamente, há um discurso que caracteriza o personagem Guedali como um sujeito cultural pertencente a um grupo *diferente* do modelo cultural de prestígio, e que evita e teme permanecer *diferente*, buscando, mesmo através do filho, a identidade dos “iguais”.
- II- No trecho “Morte. A ideia não me deveria ser estranha. Qual a diferença entre meio-cavalo e meio-morto? A verdade, porém, é que eu me apegava à vida: esquisita vida, miserável vida, mas minha vida” (p. 101), de *O centauro no jardim*, o personagem Guedali reflete sobre a condição de híbrido cultural, isto é, sujeito que, metaforizado na imagem do centauro, não está preso a fronteiras culturais, e, talvez, por essa condição, é interpretado na cultura que habita como não pertencente ao modelo hegemônico, daí as constantes “cirurgias”, aparos dos excessos, enxertos das faltas para se identificar com o modelo cultura de prestígio.
- III- No trecho “Pela primeira vez em minha vida, eu estava deitado de costas. De costas. Tal como meus pais, em sua cama de casal, nos sábados de manhã. Tal como Débora, e Mina, e Bernardo, e Pedro Bento, e a moça da mansão, e os anões, e a domadora, e Dona Cotinha, e todo mundo: de costas” (p. 104), de *O centauro no jardim*, percebe-se que Guedali se compraz em poder estar fisicamente igual aos personagens que protagonizam um modelo semelhante de corpo, atitude afirmativo-positiva que o torna melhor psicologicamente.

É correto afirmar:

- a) Todas estão corretas d) Apenas II está correta
b) Apenas I e II estão corretas e) Apenas I está correta
c) Apenas III está correta

33ª QUESTÃO

“Era uma mulher; melhor, a cabeça e o busto eram de mulher, num corpo que eu, depois de ligeira hesitação, identifiquei como o de uma leoa. Estava deitada, as patas dianteiras estendidas, e nos olhava fixamente. Era uma estranha emoção, o que eu sentia, um misto de tensão e repulsa, de pena e nojo. E a solidariedade que sentem entre si os inválidos, os defeituosos, os doentes e a raiva que sentem entre si os inválidos, os defeituosos e os doentes” (p. 187)

Sobre o trecho acima, é correto afirmar:

- a) *O centauro no jardim* é uma narrativa que se ocupa de trazer à tona um personagem da mitologia grega com o intuito de divertir o leitor pelo inusitado da imagem de um centauro inadaptado a sua condição e que hilarmente, sem nenhuma alusão aos dramas e conflitos culturais pelos quais passam os “diferentes”, brinca com o seu estranho corpo.
- b) *O centauro no jardim* é uma narrativa que explora negativamente as diferenças culturais, sugerindo, assim, uma espécie de discurso que não favorece os “diferentes”.
- c) *O centauro no jardim* é uma narrativa que explora os discursos favoráveis à pluralidade cultural, problematizando esta pluralidade na imagem do (ex)centauro Guedali, reafirmando-o sob um ponto de vista positivo, embora este personagem altere o corpo para neutralizar a sua diferença física que possibilita um outro significado cultural.
- d) *O centauro no jardim* é uma narrativa que fala exclusivamente da questão judaica, sem nenhuma relação aos demais sujeitos culturais que ressignificam sua condição em contato com outros sujeitos e outras culturas, em favor do diálogo.
- e) *O centauro no jardim* é uma narrativa que excede no modo de narrar, pois o riso é a meta a ser alcançada com os fatos narrados, uma vez que para Moacyr Scliar, autor da obra, aproveitar a vida e rir dos outros satisfaz os sujeitos que procuram estar sempre de bom humor.

34ª QUESTÃO

- I- *O centauro no jardim* é uma narrativa que obedece à perspectiva linear dos acontecimentos, porque os seus personagens agem, no tempo e no espaço narrativos, e constroem a estória numa ordem sucessiva de fatos, embora lembranças, sonhos, memórias, reflexões, eventos registrados apenas na mente do narrador ocorram, sem que isso desautorize a linearidade dos acontecimentos.
- II- *O centauro no jardim* é uma narrativa que não obedece à perspectiva linear dos acontecimentos, porque os seus personagens agem, no tempo e no espaço narrativos, e constroem a estória numa ordem alternada dos fatos, e não numa sucessão, pois o primeiro e o último capítulos registram a mesma data (21 de setembro de 1973), o mesmo lugar (Jardim das Delícias).
- III- *O centauro no jardim* é uma narrativa em que se percebe a linearidade da estória pela coerência interna do texto, embora, numa leitura apressada, haja capítulos cuja sucessão de eventos não se dão na ordem de aparecimento dos mesmos: no caso do primeiro capítulo, por ser retomado no último ou por este retomar o primeiro, dentre outras exceções, tem-se somente um artifício ou técnica narrativa com o objetivo de tornar a estória fechada em si, pois a partir do terceiro capítulo, a sucessão de fatos acontece linearmente.

- a) Apenas I está correta d) Apenas I e III estão corretas
b) Apenas II está correta e) Apenas I e II estão corretas
c) Apenas III está correta

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - Comissão Permanente do Vestibular
LÍNGUA PORTUGUESA, LITERATURA BRASILEIRA E LÍNGUA ESTRANGEIRA

35ª QUESTÃO

- I- I – Em “Com um único objetivo: me convencer de que eu nunca fui um centauro. O que estão conseguindo. Em parte, pelo menos. Ainda me vejo como centauro, mas um centauro cada vez menor, um centauro miniatura, um microcentauro. E mesmo esta travessa criaturinha me foge, quer galopar não sei para onde. Talvez seja o caso deixá-lo partir, de aceitar esta realidade que eles querem me impor” (p. 245), Guedali, o centauro, reflete sobre um procedimento cultural que, para interpretar os “diferentes” nas culturas, parece ser necessário para apagar as marcas da condição anterior e reformulá-las no todo para tornar-se um igual aos demais.
- II- II – Em “Manaus, rapaz! Quer dizer, uma coisa completamente diferente. Agora me diz, Guedali, só porque uma criatura é diferente, ela não tem o direito de existir? Que direito tem esses caras de liquidar as baleias? Outra coisas que a gente tem que pensar é no feminismo” (p. 224), entabula-se uma crítica aos diversos olhares que, em nome de uma hegemonia ou dominante, tendem a anular, calar ou extinguir as diferenças, processo amplamente criticado, hoje, pelas mídias, escolas, políticas públicas em favor da diversidade, do respeito à cultura no plural.
- III- III – Em “Eu não queria patas permanentes, expliquei. Eu queria patas decíduas, patas que durassem pouco tempo e que depois secassem e caíssem. O importante era voltar a ser centauro por alguns dias” (p. 216), entende-se que o centauro Guedali brinca com a condição de híbrido cultural (homem e cavalo), permitindo-se ser livre para identificar-se com o humano ou com o animal, e negando a lógica cultural que o aceita não como híbrido, mas como “puro”, daí rejeitar e se negar ao processo operatório para amputação de sua porção animal.

Sobre as proposições acima, é correto afirmar:

- a) Apenas I e II estão corretas
 b) Apenas II está correta
 c) Apenas III está correta
 d) Apenas I está correta
 e) Apenas I e III estão corretas

ATENÇÃO! O(A) candidato(a) deve responder a prova de Língua Estrangeira INGLÊS, apenas se tiver feito a opção dessa Língua na inscrição do Vestibular. Se escolheu ESPANHOL, responda a prova na página 12.

LÍNGUA ESTRANGEIRA (INGLÊS)

TEXT A

Composed upon Westminster Bridge, September 3, 1802

Earth hath not anything to show more fair

- 1 Earth hath not anything to show more fair:
 2 Dull would he be of soul who could pass by
 3 A sight so touching in its majesty:
 4 This City now doth, like a garment, wear
 5 The beauty of the morning; silent, bare,
 6 Ships, towers, domes, theatres and temples lie
 7 Open unto the fields, and to the sky;
 8 All bright and glittering in the smokeless air.
 9 Never did sun more beautifully steep
 10 In his first splendor, valley, rock, or hill;
 11 Ne'er saw I, never felt, a calm so deep!
 12 The river glideth at his own sweet will:
 13 Dear God! The very houses seem asleep;
 14 And all that mighty heart is lying still!*

William Wordsworth, *Poems in Two Volumes*: Sonnet 14

GLOSSARY

Line 1: hath = has
 Line 1: fair = beautiful
 Line 4: doth = does
 Line 4: garment = dress
 Line 9: steep = bathe
 Line 12: glideth = flows

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - Comissão Permanente do Vestibular
LÍNGUA PORTUGUESA, LITERATURA BRASILEIRA E LÍNGUA ESTRANGEIRA

46° QUESTION

TEXT C points out that the difference in life expectancy between developed countries and Sub-Saharan Africa is

- a) almost four decades. c) slightly less than two decades. e) slightly less than four decades.
 b) slightly more than three decades. d) a little less than three decades.

47° QUESTION

The central idea of **TEXT C** is

- a) the overall decrease in life expectancy. c) the overall increase in infant mortality. e) the increase in the number of epidemics.
 b) the overall increase in life expectancy. d) the increase in diseases among the elderly.

48° QUESTION

TEXT C affirms that the chances for a newborn to celebrate a 100th birthday are greater if he is born in

- a) a rich country. c) an African country. e) a Balkan country.
 b) a South American country. d) a middle eastern country.

49° QUESTION

The meaning in context of "well-off" in **TEXT C** is

- a) in miserable circumstances. c) in poor circumstances. e) in a backward state.
 b) in an underdeveloped state. d) in favourable circumstances.

50° QUESTION

The function of the expressions "in contrast" and "as a result" in **TEXT C** is to

- a) link two paragraphs. c) link two texts. e) link two countries.
 b) link two sentences. d) link two words.

ATENÇÃO! O(A) candidato(a) deve responder a prova de Língua Estrangeira ESPANHOL, apenas se tiver feito a opção dessa Língua na inscrição do Vestibular. Se escolheu INGLÊS, responda a prova na página 10.

LÍNGUA ESTRANGEIRA (ESPAÑHOL)

Tira cómica 1

Responde las cuestiones 36, 37 y 38 de acuerdo con la tira cómica 1.

36° CUESTIÓN

Las formas verbales "habló" y "dijo" que aparecen en el primer globo de la tira cómica 1

- a) tratan de una acción que va a ocurrir en un futuro lejano.
 b) son formas del pretérito perfecto simple o indefinido y son siempre usadas cuando se quiere expresar tiempo inacabado.
 c) pertenecen al pretérito imperfecto del indicativo y se refieren a una acción pasada.
 d) se refieren a una acción pasada y son usadas para expresar tiempo acabado.
 e) corresponden a una acción continua que empieza en el presente y sigue ocurriendo en el futuro.

37ª CUESTIÓN

Según el contenido de la tira cómica 1 (que es una charla entre Mafalda y Susanita), se puede decir que

- Susanita, la interlocutora de Mafalda, se pone de acuerdo con lo que dijo el sociólogo en la tele.
- la duda de Susanita, la interlocutora de Mafalda, refleja un grave problema social y merecía la pena que el sociólogo la hubiera aclarado para todos los telespectadores.
- la duda de Susanita, la interlocutora de Mafalda, es también una de las dudas de Mafalda.
- el problema que atormenta a Susanita, la interlocutora de Mafalda, fue discutido anoche en un programa de TV por un sociólogo.
- la opinión de Mafalda acerca del sociólogo es muy positiva y ella aprovecha para hacer una alabanza.

38ª CUESTIÓN

De acuerdo con el contexto de la tira cómica 1, la palabra "atrio", que aparece en el tercer globo es sinónimo de

- balcón.
- calle.
- pórtico.
- plaza.
- pasillo.

Tira cómica 2



<http://www.zompist.com/illo/mafalda3.gif>

Lee la tira cómica 2 y contesta las cuestiones 39 y 40.

39ª CUESTIÓN

La forma verbal "sepas" (tercer globo) corresponde al

- presente (subjuntivo) del verbo saber
- pretérito perfecto simple (indicativo) del verbo saber
- pretérito pluscuamperfecto (subjuntivo) del verbo ser
- pretérito imperfecto (indicativo) del verbo sentir
- presente (indicativo) del verbo ser

40ª CUESTIÓN

Las palabras "MUJER - OÍ - BUENAS y DESPUÉS", encontradas en la tira cómica 2, tienen, respectivamente, función de

- pronombre - conjunción - interjección y adjetivo.
- adjetivo - artículo - sustantivo y preposición.
- sustantivo - verbo - adjetivo y adverbio.
- sustantivo - interjección - adverbio y verbo.
- adverbio - pronombre - verbo y sustantivo.

Lee el poema "Instantes" y responde las cuestiones 41 y 42.

Instantes

- 1 Si pudiera vivir nuevamente mi vida.
- 2 En la próxima, trataría de cometer más errores.
- 3 No intentaría ser tan perfecto, me relajaría más.
- 4 Sería más tonto de lo que he sido de hecho.
- 5 Tomaría muy pocas cosas con seriedad.
- 6 Sería menos higiénico.
- 7 Correría más riesgos, haría más viajes,
- 8 contemplaría más atardeceres,
- 9 subiría más montañas, nadaría más ríos....
- 10 Iría a más lugares a donde nunca he ido,
- 11 comería más helados y menos habas,
- 12 tendría más problemas reales y menos imaginarios.
- 13 Yo fui una de esas personas que vivió
- 14 sensata y prolíficamente cada minuto de su vida,
- 15 claro que tuve momentos de alegría....
- 16 Pero si pudiera volver atrás, trataría de
- 17 tener solamente buenos momentos,
- 18 no te pierdas el ahora.
- 19 Yo era uno de esos que nunca iba
- 20 a ninguna parte sin termómetro, una
- 21 bolsa de agua caliente, un paraguas
- 22 y un paracaídas, si pudiera volver a vivir,
- 23 viajaría más liviano.
- 24 Si pudiera volver a vivir comenzaría
- 25 a andar descalzo a principios de la primavera
- 26 y seguiría así hasta concluir el otoño.
- 27 Daría más vueltas en calesitas,
- 28 contemplaría más atardeceres y jugaría
- 29 con más niños....
- 30 Si tuviera otra vida por delante.
- 31 Pero ya ven, tengo 85 años y sé que me estoy muriendo.

Nadine Stair. Disponible en: <http://www.rompecadenas.com.ar/almeida.htm>. Accedido en: 05/06/2012

41ª CUESTIÓN

La palabra "próxima" (línea 2), recibe acento ortográfico según la misma regla de la palabra

- a) prolíficamente (línea 14)
- b) intentaría (línea 3)
- c) ríos (línea 9)
- d) higiénico (línea 6)
- e) paracaídas (línea 22)

42ª CUESTIÓN

En el verso "no te pierdas el ahora" (línea 18) la poetisa

- a) alerta a los lectores para que sean siempre puntuales y lleguen siempre a la hora prometida.
- b) no se muestra arrepentida de las cosas que no hizo.
- c) aconseja a los lectores para que disfruten lo máximo todos los momentos de la vida.
- d) declara que se debe valorar solamente los buenos momentos.
- e) dice que se debe vivir más liviano sin miedo de perder la hora, ni de llegar retrasado.

Contesta, las cuestiones 43, 44 y 45 según el texto 1:

Texto 1

Vargas Llosa no entendía 'La ciudad y los perros'

WINSTON MANRIQUE SABOGAL

- 1 "¡Usted no ha entendido la novela. Reflexione!". Y Mario Vargas
- 2 Llosa quedó entre perplejo y desconcertado ante la vehemente
- 3 invitación que le hacía Roger Caillois sobre *La ciudad y los*
- 4 *perros* que acaba de ver la edición en francés. A partir de ahí el
- 5 Nobel peruano dice, contra el origen de su propia novela, que
- 6 el Jaguar no mató al Esclavo pero se atribuye su muerte. Vargas
- 7 Llosa comprendió, entonces, que la lectura del autor sobre su
- 8 propio libro no es la más justa.

- 9 Con esta anécdota celebrada con risas en el salón de actos de
- 10 la Real Academia Española, en Madrid, Mario Vargas Llosa
- 11 (Arequipa, 1936) terminó de desandar la historia del medio siglo
- 12 de su primera novela que ayer recibió todos los honores en la
- 13 presentación de una edición conmemorativa elaborada por la
- 14 RAE y la Asociación de Academias y editada por Alfaguara.

- 15 De pie, y ante un salón llenó, el escritor evoca los orígenes de
- 16 la novela que se mezclan con los suyos como adolescente y
- 17 como lector y escritor. Cincuenta años de un libro que, en realidad
- 18 son 60 porque esa historia se remonta diez años atrás. A la de
- 19 un quinceañero en el colegio militar Leoncio Prado de Lima, en
- 20 los años 1950 y 1951, que soñaba con vivir una gran aventura
- 21 como las que leía de Verne, Stevenson o Salgari y terminó
- 22 viviendo el micro mundo peruano en un internado.

(http://cultura.elpais.com/cultura/2012/06/20/actualidad/1340211749_575823.html)

43ª CUESTIÓN

De acuerdo con el texto, se puede decir que

- a) a Mario Vargas Llosa le gustó bastante la invitación de Roger Caillois.
- b) el lector (Roger Caillois) no comprendió el mensaje de la novela "La ciudad y los perros" del escritor peruano.
- c) la invitación provocó malestar en Mario Vargas Llosa.
- d) el escritor peruano prometió traducir su novela al francés.
- e) la novela no le sirvió para ganar el Premio Nobel de Literatura.

44ª CUESTIÓN

Ante lo ocurrido, a partir de ahí, para Mario Vargas Llosa, ¿cuál fue la actitud del Jaguar respecto al esclavo?

- a) No lo mató
- b) Lo ha matado
- c) Lo mató, porque a él se atribuye su muerte.
- d) Lo mató, pero en contra de su voluntad.
- e) Lo mató después de herirlo gravemente.

45ª CUESTIÓN 10) La expresión "A partir de ahí" (línea 4), refleja idea de:

- | | |
|--------------|-----------------|
| a) adición | d) oposición |
| b) causa | e) consecuencia |
| c) finalidad | |

Contesta las cuestiones de 46 a 50 de acuerdo con la canción "Acuarela"

Acuarela (*Toquinho*)

(versión por la cantante Nuria Fergó)

- 1 En los mapas del cielo,
- 2 el sol siempre es amarillo
- 3 y nubes, la lluvia
- 4 no pueden velar tanto brillo
- 5 ni los árboles nunca podrán ocultar el camino,
- 6 de su luz hacia el bosque
- 7 profundo de nuestro destino.
- 8 Esa hierba tan verde, se ve como un manto lejano,
- 9 que no puede escapar,
- 10 que se puede alcanzar, sólo con volar.
- 11 Siete mares he surcado,
- 12 siete mares color azul.
- 13 Yo soy nave, voy navegando,
- 14 y mi vela eres tú...
- 15 Bajo el agua veo peces de colores,
- 16 van donde quieren, no los mandas tú...
- 17 Sobre un tramo de vía,
- 18 cruzando un paisaje de ensueño,
- 19 en un tren que me lleva de nuevo a ser muy pequeño,
- 20 de una América a otra,
- 21 tan sólo en cuestión de un segundo,
- 22 basta con desearlo
- 23 y podrá recorrer todo el mundo...
- 24 Un muchacho que trepa,
- 25 que trepa a lo alto de un muro,
- 26 si se siente seguro,
- 27 verá su futuro con claridad...
- 28 Y el futuro, es una nave,
- 29 por el tiempo volará,
- 30 yo soy nave, voy navegando
- 31 Y mi vela eres tú.
- 32 Piensa que el futuro es una acuarela
- 33 Y tu vida un lienzo que colorea.

<http://www.vagalume.com.br/nuria-fergo/acuarela.html#ixzz1z8DHsmzm>

46ª CUESTIÓN

Marca la opción que sustituye el verso "Siete mares he surcado" (línea 11), sin cambiar el sentido de la canción.

- a) Siete mares he coloreado
- b) Siete mares he navegado
- c) Siete mares he pintado
- d) Siete mares he marcado
- e) Siete mares he dibujado

47ª CUESTIÓN

Escoge la opción que corresponde al singular de "Bajo el agua veo peces de colores" (línea 15).

- a) Bajo el agua veo un pece de color.
- b) Bajo el agua veo un pec de color.
- c) Bajo el agua veo un pece de colore.
- d) Bajo el agua veo un pez de color.
- e) Bajo el agua veo un pez de colore.

48ª CUESTIÓN

En el fragmento "Piensa que el futuro es una acuarela y tu vida un lienzo que colorea" (líneas 32-33), ¿la palabra *lienzo* está relacionada a cuál actividad?

- a) A la moda
- b) A la pintura
- c) A la tejedura
- d) A la costura
- e) A la artesanía

49ª CUESTIÓN

En líneas generales, la canción "Acuarela" expresa

- I- libertad y seguridad.
- II- angustia, agobio y solitud.
- III- la fuerza de la imaginación.

Está(n) correcta(s) solamente la(s) proposición (proposiciones)

- a) I
- b) I e II
- c) II e III
- d) III
- e) I e III

50ª CUESTIÓN

Pon (F) falso o (V) verdadero al lado de las afirmaciones acerca de la palabra "los" (línea 16), y en seguida marca la secuencia correcta.

- () Es un pronombre personal.
- () Sustituye el sustantivo peces.
- () Es un adjetivo.
- () Califica el sustantivo peces.
- () Es un pronombre complemento.

La secuencia correcta es

- a) FFFVV
- b) VVFFF
- c) FFVVV
- d) VVFVF
- e) FVFFV